

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS - CCT

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO - CAU

**ISABEL ALMEIDA SARAIVA FERREIRA**

**BANGALÔ: ANÁLISE DO HABITAR EM  
RECORTE DA AVENIDA GETÚLIO  
VARGAS EM SÃO LUÍS**

São Luís - MA

2024

**ISABEL ALMEIDA SARAIVA FERREIRA**

**BANGALÔ: Análise do habitar em recorte  
da Avenida Getúlio Vargas em São Luís**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Arquitetura e  
Urbanismo, pela Universidade Estadual do  
Maranhão.

Orientador(a): Bruna Andrade Ferreira

São Luís - MA

2024

Ferreira, Isabel Almeida Saraiva.

Bangalô: análise do habitar em recorte da Avenida Getúlio Vargas em São Luís./ Isabel Almeida Saraiva Ferreira – São Luís, 2024.

74 f.: il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2024.

Orientador: Profa. Esp. Bruna Andrade Ferreira.

1. Patrimônio Histórico. 2. Bangalô. 3. Avenida Getúlio Vargas. I. Título.

CDU: 728.38:930.85(812.1)

**ISABEL ALMEIDA SARAIVA FERREIRA**

**BANGALÔ: Análise do habitar em recorte  
da Avenida Getúlio Vargas em São Luís**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, pela  
Universidade Estadual do Maranhão.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Esp. Bruna Andrade Ferreira (Orientadora)**

Especialista em Assessoria Técnica no Habitat Urbano e Rural (UEMA)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Grete Soares Pflueger (1º examinador)**

Doutora em Urbanismo (UFRJ)

---

**Carolina Guedes Machado (2º examinador)**

Mestre em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP)

A meu pai, Luiz Alberto Ferreira. A partida física não quebra os laços do coração.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Silvia Karla e Luiz Alberto, por sempre terem me mostrado apoio e amor. Mesmo nos momentos mais difíceis se mostraram âncora.

Ao meu irmão, Leonardo, por ser meu companheiro e amigo, e minha irmã, Lara Emanuelle, por ser a luz das nossas vidas.

Aos professores e profissionais da área que tive o prazer de acompanhar e trabalhar junto, pelos ensinamentos e apoio.

À Universidade Estadual do Maranhão e todo o corpo do Curso de Arquitetura e Urbanismo, pelas oportunidades.

E agradeço a minha professora e orientadora Bruna Andrade Ferreira, pelos conselhos e conhecimento nessa fase final de curso. Sua compreensão e atenção foram essenciais para a elaboração desse trabalho.

## RESUMO

São Luís possui inúmeras amostras de identidades urbanas que evidenciam o avanço da arquitetura ao longo da modernização da cidade, que partem de uma necessidade de adaptação ao tempo em que se constrói e envolvimento com o cenário local. Originalmente encontrado na Índia, no século XIX, o Bangalô traz para o Brasil um novo modelo de residência, de acordo com a nova perspectiva de moradia europeia e americana, que conectava o homem à natureza e o afastava das grandes cidades. Em São Luís, o primeiro registro desse tipo de morada aparece na década de 1930, na revista *Cruzeiro*, e adotou uma mescla de detalhes arquitetônicos. Entretanto, o bangalô não se conteve ao Centro, foi um estilo que se multiplicou na cidade ao longo do percurso de expansão de São Luís, a partir do conhecido Caminho Grande. Por esse motivo, esse trabalho pretende analisar a presença do estilo arquitetônico Bangalô, para que se entenda como ele reflete a sociedade que está inserido e a evolução dos estilos de arquitetura local, além de como as manter vivas e em bom estado de conservação

**Palavras-chave:** Patrimônio Histórico, Bangalô, Avenida Getúlio Vargas.

## **ABSTRACT**

São Luís has numerous samples of urban identities that show the advancement of architecture throughout the modernization of the city, which start from a need to adapt to the time in which it is built and involvement with the local scene. Originally found in India in the nineteenth century, the Bungalow brings to Brazil a new way of living, according to the new perspective of European and American housing, which connected man to nature and kept him away from the big cities. In São Luís, the first record of this type of dwelling appears in the 1930s, in the magazine *Cruzeiro*, and it adopted a mixture of architectural details. However, the bungalow was not limited to the city's Center, it was a style that multiplied in the city along the expansion route of São Luís, from the well-known Caminho Grande. For this reason, this work intends to analyze the presence of the Bungalow architectural style, in order to understand how it reflects the society in which it is inserted and the evolution of local architecture styles, as well as how to keep them alive and in a good state of conservation.

**Keywords:** Historical Heritage, Bungalow, Getulio Vargas Avenue.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Telhados piramidais, Vishnapur.....	24
Figura 2 - Ilustração de 1876 de um bangalô colonial inglês.....	25
Figura 3 - Planta do bangalô com cantos divisórios.....	26
Figura 4 - Forma inicial do Bangalô do Inglês.....	26
Figura 5 - Conjunto habitacional de bangalôs.....	32
Figura 6 - Bangalô Spanish Mission Style.....	32
Figura 7 - Jardim América, início da ocupação do loteamento.....	34
Figura 8 - Bangalô na Rua Equador, Jardim América.....	35
Figura 9 - Bangalô urbano menor.....	36
Figura 10 - Plano de Remodelação e Expansão de São Luís elaborado por Saboya Ribeiro.....	38
Figura 11 - Bangalô nº 207, Rua do Egito.....	39
Figura 12 - Bangalô nº227, Rua do Egito.....	39
Figura 13 - Bangalô nº 366, Avenida Beira Mar.....	40
Figura 14 - Bangalôs nº 460 e nº 466, Avenida Beira Mar.....	40
Figura 15 - Bangalô Avenida Getúlio Vargas, 1950.....	41
Figura 16 - Bangalô Avenida Getúlio Vargas, 2017.....	41
Figura 17 - Bangalô nº41, planta baixa 1956 e 2016.....	42
Figura 18 - Bangalô nº41, 2016.....	43
Figura 19 - Bangalô nº41, 2024.....	43
Figura 20 - Planta baixa do Forte de São Luís, 1665.....	44
Figura 21 - Mapa de São Luís, 1950.....	45
Figura 22 - Comitiva de Getúlio Vargas (ao centro), 1930.....	46

Figura 23 - Paulo Ramos (à esquerda) e Saboya Ribeiro (à direita).....	47
Figura 24 - Anteprojeto de Remodelação da cidade de São Luís, Saboya Ribeiro, 1936.....	48
Figura 25 - Avenida Getúlio Vargas, 1950.....	50
Figura 26 - Avenida Getúlio Vargas, 1960.....	50
Figura 27 - Avenida Getúlio Vargas, 2024.....	51
Figura 28 - Uso Comercial.....	56
Figura 29 - Uso Lazer.....	56
Figura 30 - Uso Religioso, Igreja Nossa Senhora da Conceição.....	57
Figura 31 - Uso Residencial.....	57
Figura 32 - Uso Institucional, C.E. Fernando Perdigão.....	58
Figura 33 - Uso Saúde, Hospital Nina Rodrigues.....	58
Figura 34 - Bangalô nº79, uso comercial.....	60
Figura 35 - Bangalô nº2672, uso religioso, descaracterizado.....	61
Figura 36 - Bangalô nº2443.....	61
Figura 37 - Bangalô nº2266, conservação ótima, 2024 (à esquerda) e 1950 (à direita).....	62
Figura 38 - Bangalô nº1855, conservação boa, 2024 (à esquerda) e 1950 (à direita). .....	63
Figura 39 - Bangalô nº33, conservação ruim, 2024 (à esquerda) e 2021 (à direita).....	63

## LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Mapa de Locação e Hidrografia.....	53
Mapa 02 - Mapa de Topografia.....	53
Mapa 03 - Mapa de Situação.....	54
Mapa 04 - Mapa de Usos.....	55
Mapa 05 - Mapa de Hierarquia Viária.....	55
Mapa 06 - Mapa de Locação de Bangalôs.....	59
Mapa 07 - Mapa de Uso e Desuso.....	59
Mapa 08 - Mapa de Usos Específicos.....	60
Mapa 09 - Mapa de Conservação.....	62

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. CONTEXTO DO SÉCULO XVIII - XIX.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1. Brasil Industrial.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2. Maranhão nos séculos XIX e XX.....</b>	<b>18</b>
<b>3. O BANGALÔ.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1. Dos Estados Unidos ao Brasil.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2. Bangalô no Maranhão.....</b>	<b>37</b>
<b>4. AVENIDA GETÚLIO VARGAS.....</b>	<b>44</b>
<b>4.1. Antigo Caminho Grande.....</b>	<b>44</b>
<b>4.2. Reformas Urbanas de século XX.....</b>	<b>45</b>
<b>4.3. Trecho entre as avenidas Senador Vitorino Freire e Franceses.....</b>	<b>52</b>
<b>4.3.1. Análise de camadas naturais.....</b>	<b>52</b>
<b>4.3.2. Análise de camadas culturais.....</b>	<b>54</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>66</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>69</b>
<b>Anexo 1 - Estilos arquitetônicos do Centro Histórico.....</b>	<b>69</b>
<b>Anexo 2 - Mapas de São Luís.....</b>	<b>70</b>
<b>Anexo 3 - Zoneamento de Pedro Neiva.....</b>	<b>72</b>
<b>8. APÊNDICES.....</b>	<b>73</b>
<b>Apêndice 1 - Mapa de Proteção ao Patrimônio.....</b>	<b>73</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O século XIX é marcado por processos intensos de industrialização em diversos aspectos da vida urbana. Durante esse processo, as cidades se desenvolvem e, junto delas, as pessoas e os modos de construir. No mundo da arquitetura, esse também é um período que é compreendido como eclético. É, durante essa fase de evolução e surgimento de novas linguagens e influências arquitetônicas, até o século XX, que novos estilos surgem.

Durante o século XIX e XX, o Maranhão passou por diversos processos de melhoramento urbano consequentes do desenvolvimento industrial que acontecia no Brasil, que trouxeram melhorias nos âmbitos econômicos e urbanos, mas também tiveram falhas nas questões sociais no território maranhense (Santos e Costa, 2020). Essas falhas foram devidas às políticas de remodelação urbana, que afastavam cada vez mais o trabalhador do centro e contribuía com a favelização no estado, favorecendo sempre a burguesia local que queria cada vez mais se afastar dos transtornos que a cidade moderna trazia. É diante desse processo de urbanização e caos, que surge um novo estilo que propõe justamente o oposto – o bangalô.

Saindo da Índia, da região da Bengala, para a Europa, o bangalô foi um estilo que tratava a arquitetura como um modo de fuga, uma casa de campo (King, 1995). O mundo industrializado passava por um processo de centralização das famílias nucleares cada vez menores, e o bangalô vinha como uma proposta de acolhimento dessa família, de proteção do mundo externo. Nos Estados Unidos e Brasil não foi diferente. O bangalô (*bungalow*) chegou como a arquitetura do “campo na cidade”, que fugia da desordem e do barulho urbano que cada vez crescia mais.

Em São Luís, o século XX é o palco em que essa arquitetura se desenvolve. O Centro Histórico é o ponto de partida do bangalô, onde ele se mescla com os estilos da arquitetura tradicional portuguesa, bem como as arquiteturas consolidadas do modernismo e com as habitações que já

sofriam descaracterizações dentro desse contexto contemporâneo. Com a expansão da cidade através do Caminho Grande, esse estilo de arquitetura se populariza entre a elite local e não se conteve as suas próprias características tradicionais. Se adaptou e transformou ao longo do século de acordo com as grandes influências arquitetônicas do período, bem como classes sociais e contexto urbano.

Por esse motivo, esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral analisar a presença do estilo arquitetônico Bangalô na área da Avenida Getúlio Vargas em São Luís, e objetivos específicos estudar a história da arquitetura ludovicense num contexto urbano, social e cultural e como as manter vivas e em bom estado de conservação.

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, foi feita a pesquisa bibliográfica e documental através de mapas o século XIX e XX e textos específicos da evolução arquitetônica em São Luís, a leitura de bibliografias e pesquisas de autores ludovicenses a partir da Hemeroteca Digital pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e documentos históricos ludovicenses do século XIX e XX. Além disso, foi necessária a pesquisa in loco com levantamento fotográfico e a elaboração de recursos gráficos de catalogação e localização de bangalôs instalados na área de estudo, assim como possíveis danos e diferentes estados de conservação.

## 2. CONTEXTO DO SÉCULO XVIII - XIX

A partir da metade do século XVIII e início do século XIX, a indústria tem passado por diversas mudanças e inovações sociais e econômicas. É nesse período que, na Inglaterra, dá-se início à Revolução Industrial que se caracteriza pela passagem da indústria da manufatura para a indústria mecânica.

Para muitos historiadores é em 1733 que se dá início oficialmente à Revolução Industrial (Chiavenato, 2009, p. 63). Esse ano é marcado pela invenção da lançadeira volante de John Kay, que se adaptou aos teares manuais da época e aumentou a capacidade de tecelagem dos artesãos. Logo essa máquina se mostrou faltosa e precisou sofrer diversas mudanças e ajustes ao longo das décadas até que, em 1785, Edmond Cartwright inventou o tear mecânico (Campos e Sciarretta, 2012, p.88). Alguns anos antes, em 1765, James Watt aparece com a invenção da máquina a vapor, que foi essencial para a criação e funcionamento de novos meios de locomoção, de maquinários ou equipamentos e acionamentos de bombas. A partir daí, um novo ciclo começa a se formar em que cada nova invenção que supria uma necessidade acabava criando um outro problema que exigia uma nova invenção que a atendesse.

Segundo Chiavenato (2003), esse período é dividido em duas épocas distintas: a primeira e segunda Revolução Industrial. A Primeira Revolução Industrial ocorreu entre 1780 e 1860 e foi uma propulsora no surgimento de fábricas assim como o crescimento das cidades e administração pública. Foi responsável por impulsionar o uso do carvão e do ferro, mecanizar a indústria e a agricultura, desenvolver do sistema fabril, e acelerar os meios de transporte e comunicação na Inglaterra. Já a Segunda Revolução Industrial (1860-1914), é marcada pela revolução do aço e da eletricidade, espalhando-se para o resto da Europa, bem como Ásia e América. É nessa fase que se observa a substituição do vapor de Watts pela eletricidade e derivados do petróleo, desenvolvimento de maquinaria automática e avanços na indústria a partir da ciência.

Chiavenato (2009, p.64) acrescenta ainda:

Em seu sentido mais pragmático, a Revolução Industrial significou a substituição da ferramenta pela máquina e contribuiu para consolidar o capitalismo como modo de produção dominante. Esse momento revolucionário, de passagem da energia humana para motriz, é o ponto culminante de uma evolução tecnológica, social e econômica que vinha se processando na Europa desde a Baixa Idade Média.

Graças a Revolução Industrial o homem passa a ter uma nova forma de se relacionar com o trabalho. Deixa de se utilizar da manufatura para a produção em série, em que o trabalhador passa a fazer parte apenas de uma fase do processo de produção, tendo seu domínio técnico limitado a apenas uma parte do desenvolvimento de produto. Também é nesse momento que se percebe um grande êxodo rural, assim como o crescimento urbano e a concentração dos meios de produção. Uma nova noção de emprego surge, em que o trabalhador é concentrado nas fábricas, precisando se especializar e ser subordinado a um novo sistema hierárquico de poder, de um lado os donos do capital e meio de produção e do outro o operário ou trabalhador assalariado.

Assim como o maquinário e a indústria, os processos construtivos também sofrem diversas mudanças durante esse período. Foram desenvolvidas novas técnicas construtivas e materiais como o ferro, aço, vidro e o concreto armado que, em conjunto aos materiais usados tradicionalmente (pedra, tijolo, madeira etc.) compõem uma nova era da arquitetura e engenharia. Fortemente influenciada pelo Iluminismo, a arquitetura passa a ser mais objetiva e racional, rejeitando as influências religiosas, se estabelecendo em meio aos anseios e necessidades de troca e mudança do século XIX e se apropriando de diversas formas de produção arquitetônica, como o gótico, o romântico e o greco-romano configurando o Ecletismo.

## 2.1. Brasil Industrial

A Industrialização no território brasileiro pode ser considerada como tardia. Enquanto a Grande Primeira Revolução Industrial se desenvolvia pela Europa, em destaque na Inglaterra, o Brasil ainda se encontrava vivendo sob o regime colonial escravocrata português. Dessa forma, o desenvolvimento industrial brasileiro pode ser dividido e analisado em quatro fases distintas.

A primeira fase se dá entre 1500-1808. Segundo Santos e Silveira (2006), essa é a fase pré-industrial ou fase colonial, que tem início com a chegada portuguesa no território brasileiro até a chegada da família real. Nesse período, a manufatura era proibida dentro Brasil para não concorrer com a produção que acontecia no reino e a maioria dos produtos presentes no país vinham diretamente da metrópole. O grande destaque de produção do Brasil eram os engenhos de açúcar, que transformavam a matéria prima em produto e o destinava para o mercado. Em 1808, com a chegada da família real portuguesa no país, dá-se início a segunda fase da industrialização brasileira e a abertura de fábricas e pequenas manufaturas (Santos e Silveira, 2006). Foi nessa fase que o processo de abertura dos portos brasileiros se deu, rompendo o antigo Pacto Colonial, possibilitando a importação de produtos e incentivando novas medidas de proteção de produtos. Assim começam a surgir diversas pequenas unidades nas principais cidades, como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente as têxteis e, de acordo com Santos e Silveira (2006), ao final do século XIX, existiam cerca de 636 fábricas no Brasil. Ao fim do século XIX, o grande destaque da produção brasileira era o café, que gerava lucros com sua grande demanda de exportação que permitiram o investimento na indústria brasileira.

Ainda na segunda fase de industrialização do Brasil, o fim do século XIX e início do século XX, marca a Primeira República brasileira, em que as condições de trabalho eram duras com jornadas de 14 horas, seis dias na semana e o trabalhador era assalariado. O café ainda era o principal produto de exportação do país, uma grande quantidade de estrangeiros

chegava ao Brasil com novas técnicas de produção e se formava uma nova classe média (Santos e Silveira, 2006). Com o acontecimento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a industrialização brasileira foi mais uma vez impulsionada, com muitos produtos sendo manufaturados no território e exportados para a Europa e Estados Unidos. Porém, com a crise do café de 1929, muitas mudanças começaram a acontecer mais uma vez na economia brasileira.

A atividade agrícola, especialmente a produção de café, consistia no carro-chefe da economia, sendo o principal produto de exportação. No entanto, a Primeira Guerra Mundial e a crise econômica de 1929 provocaram mudanças profundas nessa dinâmica econômica. (Guitarra, 2018)

Em 1930, tem início a terceira fase da industrialização brasileira, com o Governo de Getúlio Vargas, período que deu continuidade às produções nas indústrias do país (Rezende, 2005). Durante o novo governo, o Estado começa a investir e criar, com a ajuda financeira dos Estados Unidos, novas empresas, principalmente a da indústria pesada com bens de grande porte, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1941, a Companhia Vale do Rio Doce em 1942 e a Petrobrás em 1953. Com a chegada de Juscelino Kubitschek à presidência em 1956, dá-se início a quarta fase da industrialização do Brasil. Esse foi um período marcado pelas políticas desenvolvimentistas de J.K., que incentivaram o maior ingresso de empresas multinacionais no país, principalmente as automobilísticas, além de destacar o crescimento da malha rodoviária brasileira para maior conexão do território nacional e a inauguração de Brasília, em 1960, que garantiu o fomento da indústria. Em 1964 o Brasil sofre um golpe que instala a ditadura militar no Brasil e o Estado aparece como grande investidor em obras de grande porte, como rodovias e usinas hidrelétricas. Os gastos com esses investimentos geram uma grande dívida externa e o descontrole na inflação no território brasileiro. Atualmente, no século XXI, o Brasil ainda se encontra nessa quarta fase de industrialização, em que acompanha a tendência mundial de decrescimento no setor econômico e de serviços (Santos e Silveira, 2006).

A partir da Revolução Industrial brasileira, novas possibilidades técnicas surgem e com elas, diversas formas de expressão arquitetônica. Se antigamente a arquitetura buscava traduzir a tradição clássica a partir das experiências do passado, naquele momento, ela tentava representar as mudanças e inquietações humanas para o futuro. Assim como na Europa, o Eclétismo também se desenvolve no Brasil e, com a abertura dos portos brasileiros, um grande intercâmbio de culturas acontece, gerando uma intensa assimilação brasileira de modelos arquitetônicos europeus diversos que, segundo Fabris (1993, p.136), impulsionou o “desejo de ser estrangeiro” no Brasil.

A afirmação do eclétismo no Brasil não implica em conhecimento da tradição anterior e sim o rechaço radical dos vestígios coloniais que persistiam no país, apesar do neoclassicismo da Missão Artística Francesa. (Fabris, 1993, p. 135)

Ainda para a autora (Fabris, 1993, p.137) o país sentia vontade de ser moderno a todo custo, aceitando com entusiasmo os produtos da indústria europeia sem questionamentos, fundindo diversos estilos, como o colonial, neoclássico e neogótico, com materiais que se popularizaram durante a Revolução Industrial na Europa, como o vidro, o ferro e o aço, se relacionando à vivência brasileira e se tornando parte essencial da sociedade que o adota.

## **2.2. Maranhão nos séculos XIX e XX**

Com pouco mais de mil habitantes (Meireles, 2001), o Maranhão vivia em estado de miséria e abandono no século XVII e parte do século XVIII (Zenkner, 2011). Em 1641, com a chegada de dezoito navios Holandeses com cerca de mil militares no território (Lopes, 2008), o Maranhão é completamente explorado e destruído economicamente em favor da ideia da “hegemonia de distribuidor de açúcar na Europa” dos holandeses. Apesar de o período de ocupação holandesa do território maranhense ter sido curto (cerca de três anos), foi o suficiente para o estado ser saqueado cerca de cinco mil arrobas de açúcar até que, em

1644, os senhores de engenho do Mearim tomam a cidade de volta e expulsam os holandeses do território (Lopes, 2008). É no século XVIII, após essa ocupação e expulsão, que o Maranhão começa a sofrer uma série de mudanças e melhoramentos urbanos que se intensificaram com a chegada do século XIX.

Acanhada, de ruas tortuosas, aladeiradas e sem calçamento, em que a quase totalidade das casas era de taipa, recobertas de palha, com urupemas nas janelas. (Meireles, 2001, p. 214)

Após a adesão do Maranhão à Independência do Brasil em 1823, São Luís é declarada como capital da província (Lopes, 2008). Segundo Zenkner (2011), em 1820, “São Luís era a quarta cidade mais importante do Brasil, depois do Rio de Janeiro, Salvador e Recife”, crescimento que se afirmou principalmente entre os anos 1860-1870, com a presença fabricas de pilar arroz, sabão, velas e cal, a Companhia Confiança Maranhense (1854), a implantação do transporte de bondes puxados a burro em 1871, mas que sofreu declínio a partir da década de 1890, no período republicano brasileiro. É também nesse período do século XIX, que o Maranhão se destaca pelo seu ciclo literário do Grupo Maranhense (1832-1868), que com o auxílio do ciclo econômico da cana-de-açúcar floresce uma segunda geração de intelectuais maranhenses (1868-1894) (Lopes, 2008).

Com a chegada do fim do século XIX, da cidade colonial portuguesa do século XVII, “restam o traçado urbano do núcleo original e a permanência de alguns usos: o mercado, as praças, habitações” (Lopes, 2008, p. 24). Entre os anos de 1872 e 1900, São Luís é tomada por estabelecimentos fabris, com destaque aos têxteis. Apesar do pouco impacto sobre o crescimento demográfico, a instalação deste parque fabril no território maranhense contribuiu para a maior concentração dos serviços e da malha viária de São Luís, do Centro até o bairro Anil (Lopes, 2008). O início do século XX é marcado por uma crise burguesa-rural, que abandonou o campo para se adaptar às novas condições de trabalho e vida urbana, que se mostrava ainda grande dependência ao mercado externo. Esse também é o período em que a capital maranhense lutava contra

diversas epidemias que faziam muitas vítimas, como o impaludismo, o amarelão e a gripe espanhola que atingiu o estado, mostrando o quanto as condições de vida no território maranhense ainda precisava melhorar.

Assim como as maiores cidades que se desenvolveram no Brasil durante o século XX (1918-1929), o Maranhão também sofre diversas mudanças, principalmente em questões urbanas e sociopolíticas, durante esse período. Para Lopes (2008, p. 27), o período que se deu imediatamente anterior à Revolução de 1930, foi caracterizado pela grande qualificação dos serviços públicos em São Luís, bem como nas operações de remodelação de prédios públicos e na política de melhoramentos urbanos. Esses melhoramentos urbanos vieram com os objetivos de favorecer a cidade de infraestrutura viária, adequando às novas tecnologias que os processos de industrialização traziam para o país, como novos transportes, serviços de energia elétrica e de construção, se apropriando e transformando as estruturas já existentes na cidade.

Os anos que seguem a Revolução de 1930 são marcados pelas políticas “de remodelação e reforma urbanística da velha cidade” (Diário Oficial, 1935). Após o movimento de intervenções em edificações com foco em funcionalismo público, o foco se desloca para os espaços urbanos públicos, e no ano de 1935, a cidade passa por uma série de reformas, como nas praças Pantheon e Deodoro (antigo Largo do Quartel). Em paralelo à Segunda Guerra Mundial, em 1945, Paulo Martins de Sousa Ramos, então governador do Maranhão, indica José Otacílio de Saboya Ribeiro e Pedro Neiva de Santana, engenheiro e médico respectivamente, para a administração municipal de São Luís, com objetivo de executarem um novo Plano de Remodelação da Cidade (Lopes, 2008). Se utilizando do Serviço de Salubridade das Habitações, a administração de Saboya e Santana deu ênfase às práticas higienistas, adotando práticas de demolição de ruínas que eram consideradas focos de proliferação de doenças, a taxaço dos cortiços, criação de leis referentes à ventilação e iluminação interna, investimento em arborização das vias e praças e a substituição das

edificações tradicionais luso-brasileiras por novos edifícios, além da reforma do Hospital e Instituto Oswaldo Cruz.

De uma só vez, dezenas de exemplares da arquitetura tradicional luso-brasileira foram demolidos, em uma obra que cortava todo o centro da cidade, praticamente ligando o Rio Anil ao Bacanga. (Lopes, 2008, p. 31)

Já na segunda metade do século XX, o Maranhão passa por um processo de expansão induzido pelos investimentos pelo aumento das exportações e importações do estado e pela implantação das rodovias federais e estaduais Belém-Brasília e São Luís-Porto Franco, que permitiam a ligação do oeste e nordeste do território. Além disso, foi ampliado o sistema viário de São Luís com o corredor Centro-Anil, consolidando os bairros da Liberdade, Monte Castelo, Fátima, João Paulo, Caratatiua, Jordoa e Sacavém, e deslocando as atividades comerciais para as avenidas Getúlio Vargas e João Pessoa (Lopes, 2008). Entre 1970 até 1999, foram construídos 55 conjuntos habitacionais, como o Angelim, Vinhais, Maiobão, IPASE, COHAMA, COHATRAC e COHAB-Anil, que eram característicos por serem afastados do Centro e da linha natural de crescimento da cidade, configurando uma mancha urbana descontínua e a permanência de grandes espaços de vazios urbanos, possibilitando o surgimento de assentamentos espontâneos e o aumento da situação de informalidade e a favelização.

Na década de 1980, São Luís passa por um processo de reconcentração industrial e comercial, com a modernização dos serviços, a criação do Distrito Industrial e a implantação dos enclaves industriais da ALUMAR, Alcoa, BHPBilinton e a Companhia Vale do Rio Doce. O aumento do capital municipal provindo do investimento nos portos propiciou os avanços dos serviços especializados no estado, além de um aumento expressivo na movimentação de cargas, que chegou a 38 milhões em 1993 (Lopes, 2008) e tornando São Luís em um importante entreposto dos derivados do petróleo. Em 1997, parte do Centro Histórico de São Luís é oficialmente incluído na Lista do Patrimônio Mundial pela Convenção do

Patrimônio da Organização da Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), sendo o desenho urbano ainda original e o conjunto arquitetônico do Centro importantes para essa decisão e o perímetro reconhecido pela UNESCO maior que a área de tombamento federal e está sob tutela do governo estadual e municipal (Lopes, 2008). Hoje, São Luís é o único bem inscrito na Lista do Patrimônio Mundial que se baseia em três critérios diferentes, sendo eles: “III - Testemunho excepcional de tradição cultural”; “IV - Exemplo destacado de conjunto arquitetônico e paisagem urbana que ilustra um momento significativo da história da humanidade”; e “V - Exemplo importante de um assentamento humano tradicional que é também representativo de uma cultura e de uma época”.

### 3. O BANGALÔ

Originário da região de Bangladesh, o bangalô é um produto de culturas em contato, um modo nativo de abrigo adotado e adaptado por europeus que viviam na Índia (King, 1995, p. 38). Os séculos XVI e XVII, foram marcados por diversas disputas econômicas no território asiático, em que os maiores países europeus da época, França, Dinamarca, Portugal e Inglaterra, brigavam pela primeira posição no monopólio de especiarias, algodão, tabaco e açúcar, todos os quais eram produzidos com a utilização de mão de obra local. Esses conflitos mostraram a necessidade do desenvolvimento de novos sistemas de produção e melhor infraestrutura nessa região que era provedora da matéria prima e mão de obra, fato que só foi acontecer com maior intensidade a partir do século XIX do (Janjulo, 2011) com o desabrochar da Revolução Industrial.

No ano de 1651 a região de Bengala já era tomada pelos ingleses, com o estabelecimento de 23 fábricas inglesas e cerca de noventa funcionários, era perceptível a presença europeia no local, em que cerca de vinte três ingleses viviam em uma “existência colegial com indígenas em uma casa da cidade” (King, 1995, p. 40), em um *bungalow*. Era perceptível o processo de adaptação aos modos de vida indianos que os europeus

estavam sofrendo e como as mudanças que a virada do século XVIII para o XIX trouxeram não eram apenas econômicas, mas também culturais.

Eles começaram a criar bangalôs e algumas casas dentro de nove course (kos – uma unidade de medida Mongol) desse lugar, em um grande tanque chamado Sheck Tanke. (Foster, 1921, p. 290-1)<sup>1</sup>

Para os ingleses, o bangalô era um modo de construção primitiva, sugerindo ser “uma forma de abrigo rápida e temporária” (KING, 1995, p. 42). Modave (1980, p. 97)<sup>2</sup>, viajante que passou pelo território indiano no século XVIII, sugere ainda que a “bengla” é um pavilhão coberto por bambus, folhas e palha, construído para ocasiões especiais, como casamentos, festas ou simplesmente um lugar de encontro. Já para os locais, o bangalô era um espaço fixo e usado com maior permanência, construídas de bambu amarrado com palha ou junco entrelaçados às varas, rebocadas com argila e esterco de vaca e, nas construções mais ricas, com postes de madeira (Figura 1). As portas das cabanas eram normalmente a única abertura da casa, algumas poucas possuíam janelas que permitiam a passagem de ar e luz, e, em famílias ricas, as portas eram de madeira. Além disso, o número de cabanas que uma família possuía dependia do seu tamanho e posição social. Uma família hindu podia possuir dez cabanas, com vários propósitos e familiares diferentes, enquanto outra, de um ‘trabalhador comum’, tinha apenas uma (King, 1995, p. 44).

Os bangalôs são edifícios na Índia, geralmente elevados em uma base de tijolos, consistindo em um andar, a planta deles é normalmente um grande quarto central de jantar e estar, e quartos em cada um dos cantos para dormir; é todo coberto por palha, que é mais baixa em cada lado; os espaços entre os quartos são as varandas ou pórticos abertos para sentar-se durante a tarde; o centro é mais claro com janelas e uma porta grande central. As

---

<sup>1</sup> ‘They have begun to make bunguloues and some houses within nine course (kos -a Moghul unit of measurement) of this place, by a great tank called Sheck Tanke’ (FOSTER, 1921, p. 290-1) (tradução livre).

<sup>2</sup> J. Deloch, ed. , *Voyage en Inde du Comte de Modave*, Paris, 1971 citado em R. Llewellyn-Jones, 'The city of Luc before 1856' in K. Ballhatchet & J. Harrison, *The City in South Asia*, Curzon Press, London, 1980, pp. 88-128, p. 977.

vezes a varanda central em cada canto é convertida em quartos. (Hodges, 1793, p. 146)<sup>3</sup>

Figura 1 - Telhados piramidais, Vishnapur.



Fonte: Kramer (2006, p. 3).

A escassez de evidências sobre o bangalô no início do período de colonização do território asiático contrasta com sua abundância posteriormente. Com a derrota do soberano Bengali<sup>4</sup> e seus aliados franceses em 1757, é marcado o início simbólico do Império Britânico na Índia e sua imensa importância para “a adição anual para a riqueza e capital do império” (Relatório Parlamentar sobre a Companhia Leste-Asiática, 1813)<sup>5</sup>. Essa acumulação de capital foi de grande influência para o desenvolvimento da arquitetura indiana, com os primeiros indícios do bangalô, na Inglaterra. É, durante esse período (1770-1830), que se tem o maior número de evidências produzidas sobre o bangalô: de um lado a ampla aceitação do estilo como “casa interiorana” por oficiais ingleses, e de outro o grande interesse “em casa” – Inglaterra – pelas cabanas (Figura 2) (King, 1995, p. 53).

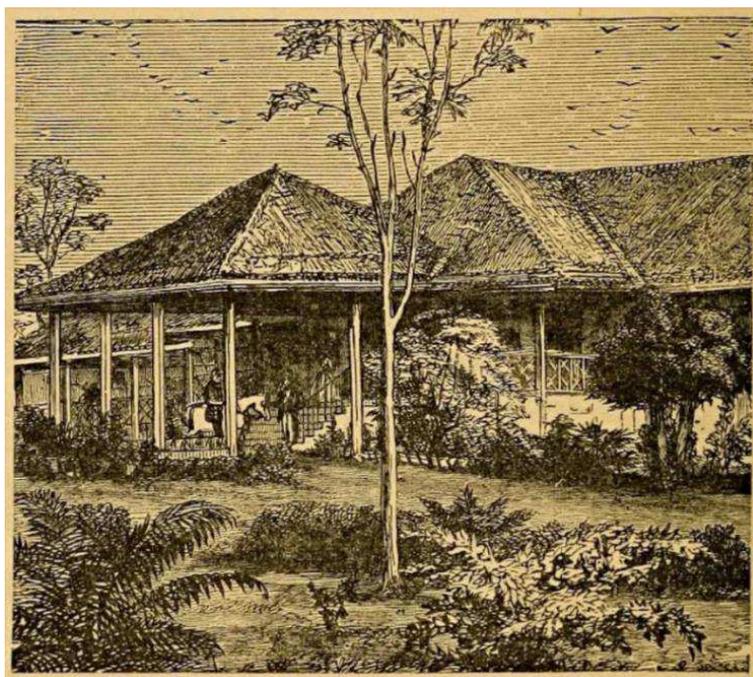
---

<sup>3</sup> W. Hodges, *Travels in India During the Years 1780-83*, London 1793, p. 146.

<sup>4</sup> *Nawab of Bengal*

<sup>5</sup> 'the importance of that immense Empire to this country is rather to be established by the great annual addition it makes to the wealth and capital of the kingdom, than by any eminent advantage which the manufacturers of the country can derive from the consumption of the natives of India' (Parliamentary Report on the East India Company, 1813) (tradução livre) citado em A. G. Frank, *Dependent Accumulation and Underdevelopment*, Macmillan, London, 1978, p. 88.

Figura 2 - Ilustração de 1876 de um bangalô colonial inglês.



Fonte: Índia (1876, p. 46).

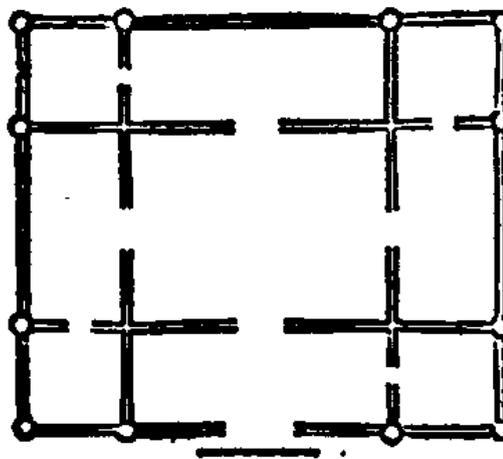
Baseado nesse sistema de habitação indiano, os britânicos produzem uma nova versão do bangalô para ser usado e habitado ainda no território asiático somente por europeus: o bangalô anglo-indiano. A maioria dos bangalôs é construída com tijolos secos ao sol, produzidos in loco, a partir de formas de madeira e lama, substituindo a utilização do bambu na estrutura (King, 1995, p. 58)<sup>6</sup>. Em sua planta (Figura 3), ainda recebia a instalação de uma varanda, considerada importante elemento da estrutura, que era frequentemente usada como quarto de dormir pelos habitantes e dentro da construção, a madeira utilizada era das Mangueiras locais, considerada barata, e o piso era revestido tal qual a tradição local, com uma base de esterco de vaca e lama. Pelo clima local, era usado um método de cobrir o telhado com telha (Figuras 4) (em contraste com os telhados de palha tradicionais) e isolar o bangalô do calor, além disso, era costumeiro o deslocamento do morador para as varandas ventiladas e era instalada uma espécie de persiana (*chicks*), feita de bambu dividido em troncos finos amarrados com fita e enrolados e amarrados em um cordão

---

<sup>6</sup> Williamson, op. cit., 1.514-16.

(King, 1995, p. 61). Ao fim do século XVIII, o bangalô nativo tinha passado por diversas mudanças, em que a tecnologia e os materiais eram tradicionais, mas as necessidades políticas, culturais e sociais haviam sido completamente transformadas. Outro fator característico arquitetônico do bangalô era seu distanciamento em relação ao terreno, sendo construído em grandes áreas, não mais colado aos limites do lote como era de costume europeu, possuindo afastamento frontal e lateral, que garantia a segurança do proprietário.

Figura 3 - Planta do bangalô com cantos divisórios.



Fonte: Kramer (2006, p. 4).

Figura 4 - Forma inicial do Bangalô do Inglês.



Fonte: Kramer (2006, p. 4).

Além do uso habitacional fixo, o bangalô anglo-indiano também era frequentemente usado como um anexo, casa de verão ou casa para hóspedes e, à medida que os britânicos foram se estabelecendo na Índia, a habitação bangalô foi deixando de ser uma “casa de campo”, estabelecida nas áreas rurais, e se espalhando pelo país. O terreno no entorno da arquitetura construída em boa parte do século XVIII não era utilizado como fazenda ou para cultivo e pastagem, tinha apenas a função de servir a casa. Ao fim do século XVIII, o bangalô era definido de três maneiras diferentes: I – cabana nativa indiana; II – cabana anglo-indiana; III – qualquer tipo de pequena casa europeia na Índia (King, 1995, p. 66). No início do século XIX, já era possível fazer a distinção de dois tipos de bangalô, de um lado construções que adotavam características da arquitetura clássica europeia, que muitas vezes sacrificava o conforto pela aparência, e do outro cabanas que ainda se utilizavam da arquitetura tradicional bengali, com telhado plano e paredes batidas de barro (King, 1995, p. 68)

um termo indiano para uma casa de palha com paredes de barro ou lama, [...] uma casa de campo ou armazém (KING, 1995, P. 67)<sup>7</sup>

Com a aproximação do fim do século XVIII e as mudanças econômicas e tecnológicas que eventualmente geram a Revolução Industrial, o mercado inglês estava em ascensão, onde a exportação era o grande fator transformador na sociedade Britânica. Enquanto esse processo de desenvolvimento econômico acontecia, também era notável algumas alterações culturais, em que não só o colonizador influenciava a colônia, mas a colônia também exercia esse papel, onde o ‘nabob’<sup>8</sup> anglo-indiano voltava à sua base nativa cheio de ideias do ‘novo mundo asiático’. Essa influência se deu em vários aspectos, em destaque na arquitetura do bangalô, que, na Europa, era projetado com novas características, se adaptando às necessidades sociais e culturais do seu novo público.

---

<sup>7</sup> The-London Encyclopedia, 1832; Partington's British Cyclopedia, 1838. (tradução livre).

<sup>8</sup> Homem que obteve sua riqueza nas Índias Orientais no século XVIII.

Entre 1869 e 1870 foram construídos os primeiros bangalôs ingleses em Westgate, sendo um “pequeno empreendimento de quatro casas” (King, 1995, p. 118), e até 1873, o primeiro povoado de bangalôs estabelecido na área. Esse primeiro povoado seguia a lógica de que o desenvolvimento dessas construções tinha que acontecer perto de costas e em lugares afastados ou rurais (interior), em que o mar estava a disposição para a população dessas pequenas vilas como meio de trabalho com a pesca, sendo construídos paredões e terraços que afastavam e protegiam as moradias da potência marítima. Além disso, a proximidade do bangalô ao mar criou um grande atrativo turístico, gerando a construção de resorts nessas áreas que seguiam as características de “simplicidade” do bangalô e que se aproveitavam do afastamento das grandes cidades e da relação homem-natureza.

Durante esse período, os bangalôs construídos eram espaçosos e bem ventilados, aproveitando da brisa marítima, com sala de estar, jantar e salão que olhavam para o mar, projetados para a família de classe média vitoriana típica mais criados, com um andar que acomodava todos os quartos e salas sociais e uma grande área de porão, que incluía adega de laticínios, vinho e cerveja e uma entrada separada de jardim (King, 1995, p. 125). Com o sucesso do primeiro povoado de bangalôs, os arquitetos recorrem às novas tecnologias de pré-fabricação de madeira, com paredes de ripas forradas por palha de trigo e telhado simples como antes. Nas últimas décadas do século XVIII, o bangalô já era um estilo arquitetônico estabelecido nas áreas interioranas, ainda seguindo as mesmas plantas gerais tradicionais, apenas um pouco maiores que os originais, com quartos em ambos os lados do corredor, sala de jantar e estar, e já com alguns modelos de mais de um pavimento.

Até aproximadamente 1914, o bangalô inglês era concentrado somente nas áreas rurais (Janjullo, 2011), havendo se tornado o principal local de lazer para a classe média que crescia nas cidades, indicando a mudança que aconteceria no uso da terra rural e o novo papel que o campo passaria a exercer. Entre os anos de 1880 e 1914, por ser separado

fisicamente das cidades, o bangalô ganha novos significados além da 'fuga da cidade', mas também "um ideal boêmio e de simplificação da vida" (King, 1995, p. 142). A ideia de bangalôs como casas de campo, ficou particularmente associada à R.A. Briggs, ou *Bungalow Briggs* como ficou conhecido, e seu livro *Bungalows and Country Residencies* (1891), primeiro livro de projetos arquitetônicos focado na arquitetura do bangalô publicado na Inglaterra.

[...] Deve ser "um lugarzinho caseiro, aconchegante, com varandas, oriels e janelas salientes, com a planta assim disposta para garantir total conforto com uma sensação de rusticidade e facilidade". Onde as autoridades locais permitiam que as paredes seriam de madeira, cobertas com azulejos, tábua meteorológica ou rugosa. [...] Funcionalmente, o bungalow era uma "segunda casa": permitia "às famílias desfrutarem das suas breves férias com conforto e a um custo moderado [...]". (R.A. Briggs, *Bungalows, The Studio*. Vol. 3, 1894, pp. 20-6, p. 21)<sup>9</sup>

Com a popularização do estilo arquitetônico, o bangalô é importado para os subúrbios ingleses, sendo fundamental para o desenvolvimento desse tipo de circunvizinhança. É onde a classe média alta o adota em massa e sofre diversas adaptações estruturais de acordo com as normas e questões sociais da cidade e campo, que o descaracterizava em relação ao bangalô indiano original de um pavimento e telhado de palha. Ao final do século XIX, a produção industrial crescia e o império inglês, formal e informal, se expandia, em que, na Europa e colônias, as plantações estavam sendo criadas, desenvolvendo os processos de produção e exportação. Isso era refletido no mercado arquitetônico, em que o bangalô de ferro fundido era altamente exportado por empresas de Londres, Glasgow, Liverpool e Norwich, pensado e projetado para as condições das colônias, como Malaya, África Oriental e do Sul, Chile, Argentina, Brasil e

---

<sup>9</sup>“[...] It should be 'a homely, cozy little place, with verandahs, oriels and bay windows, with the plan so arranged to ensure complete comfort with a feeling of rusticity and ease'. Where local authorities allowed walls would be of wood, covered with tiles, weather board or roughcast. [...] Functionally, the bungalow was a 'second home': it enabled 'paterfamilias to enjoy his brief holidays in comfort and at a moderate expense, the year's interest on the capital cost being less than a month's house hire at a seaside resort'.” (R.A. Briggs, *Bungalows, The Studio*. Vol. 3, 1894, pp. 20-6, p. 21)

Estados Unidos, fornecendo bangalôs para os gerentes e engenheiros das plantações.

### 3.1. Dos Estados Unidos ao Brasil

Tendo se desenvolvido substancialmente na Inglaterra, é nos Estados Unidos que o bangalô amadurece como arquitetura. À medida que a cidade americana moderna crescia (1860-1910 (King, 1995, p. 185)), os sistemas ferroviários se expandiam, o êxodo rural aumentava e os sistemas de produção se desenvolviam. Foi no contexto urbano de crescente industrialização pós Guerra Civil, que os americanos desenvolveram o conceito de “casas de verão”. Inicialmente essas casas se desenvolveram ao redor de hotéis, em vilas e resorts, com o objetivo de acomodar visitantes e turistas nas cidades costeiras ou próximas a rios, que não conseguiam acomodações tradicionais nas redes hoteleiras, e foram evoluindo de tal maneira a se tornarem mansões e palácios para a elite que buscavam fugir das grandes cidades durante o verão.

Bangalôs, como são chamadas as casas térreas usadas na Índia, parecem adaptadas a algumas partes da América, particularmente como casas de veraneio.<sup>10</sup>

O primeiro bangalô americano foi registrado como no sistema de resorts. Construído em 1880, em Monument Beach, Cape Cod, tinha estrutura e aparência “informal”, varanda ampla e dois andares e meio com quartos no *loft*. Com o desdobramento do movimento *Arts and Crafts* tanto nas Inglaterra quanto nos Estados Unidos, surge uma demanda por novas habitações de custo mais baixo e que ainda possuíssem características artísticas e familiar. À medida que a casa de veraneio foi se tornando cada vez mais popular, o desejo pela vida livre e rústica foi aumentando, e os moradores de classe média olhavam de volta para a natureza, com anseio de escapar dos problemas urbanos. O bangalô traduzia com facilidade

---

<sup>10</sup> A. W. Brunner. Cottages or Hints on Economical Building. New York, W. T. Comstock, 1884.

essas necessidades modernas, era uma casa simples e elegantes, que substituíam as antigas ornamentações “sobrecarregadas e baratas”.

A demanda por uma vida informal também influenciava o design interno dessas casas. Segundo King (1995, p. 192), as paredes interiores eram comumente pintadas de verde-amarelado, com forro exposto em verde musgo, marcenaria local e rústica e lareira de cantaria exposta. Com o início do século XX, o bangalô era considerado uma “febre” entre a classe média e alta americana, com revistas dedicadas especialmente a essa tendência, com a filosofia de “construa você mesmo” se tornando altamente popular entre aqueles que não podiam pagar por designers e arquitetos mais luxuosos.

Em comparação com o início do século XIX, em que as cidades eram compactas, as três primeiras décadas pós 1905 são marcadas pela suburbanização econômica, social e tecnológica americana. A vida no subúrbio, antes limitada à classe alta, se tornou disponível para a massa, e a classe média suburbana tornou-se uma categoria social por si só, seguida pela produção de alta escala de automóveis. O protótipo para o novo estilo metropolitano de vida norte americano foi Los Angeles, Califórnia, onde o bangalô se transforma de “casa de verão” para casa permanente. Para King (1995, p. 199) era ‘a síndrome do “de volta à natureza” aplicada na casa do trabalhador pendular’. O Bangalô Californiano, se afastava no estilo das banglas indianas e das construções inglesas, era construído dentro das vilas dos subúrbios, espaçoso e de construção simples e barata, com beirais suspensos, varandas sombreadas e pedras nas chaminés (Figura 5). Esse distanciamento não era feito somente na aparência externa, mas também na interna, tendo como característica essencial a pouca distinção do que era o lado de dentro e o lado de fora. Segundo um arquiteto na revista *Architectural Record*, as paredes eram cobertas por grandes janelas, que emolduram a grama, árvores e folhagens<sup>11</sup>. Além do estilo Californiano

---

<sup>11</sup> “The occupant will feel as much as possible that he is out of doors. The walls are converted into large windows, quite unbroken by sashes and designed so to frame the views of grass, trees and foliage [...]” (Architectural Record, 20, October 1906, pp. 297-305, p. 305.)

tradicional, segundo Janjulio (2009, p. 131), a arquitetura oriunda do passado colonial espanhol na costa oeste também tinha influência no estilo bangalô, dando origem aos *Spanish Mission style bungalows* (Figura 6). Esses eram feitos de estuque, madeira, pedras e blocos de terracota, eram mais baratos que os feitos de tijolos e produzidos de forma a garantir frescor no verão e calor no inverno.

Figura 5 - Conjunto habitacional de bangalôs.



Fonte: Kreisman e Mason (2007, p. 180).

Figura 6 - Bangalô Spanish Mission Style.



Fonte: Wilson (2006, p. 14).

Após duas décadas em crescimento e transformação, o bangalô vive seu mais alto florescimento e, subsequentemente, seu declínio durante os anos de 1920<sup>12</sup>. Desde sua introdução no país, o significado do bangalô como escape urbano se modificou de tal maneira que a linha entre bangalô e outros estilos arquitetônicos cujas construções eram pequenas se tornou frágil, e era difícil a distinção entre tais. Além disso, como consequência da suburbanização que o país passava e as mudanças sociais e econômicas vide modernização que acontecia ao redor do mundo, o bangalô não era mais um objeto que suportava acomodar as novas formas – de núcleos unifamiliares para multifamiliares – que as famílias estadunidenses tomavam. Com a chegada da década de 1930, o termo bangalô já era considerado fora de moda, sendo substituído por *cottage* ou, simplesmente, casa. Com a Crise de 1929, o desenvolvimento dos subúrbios que vinha acontecendo desde a virada do século diminuiu drasticamente e, a partir dos anos 1960, o bangalô não era mais apreciado e construído.

Enquanto isso, a América Latina estreitava laços com os grandes países industrializados do século XIX. O Brasil não era diferente, se tornando um grande fornecedor agrícola, principalmente do café. A partir da relação de troca estabelecida entre Brasil, Estados Unidos e Europa, o país recebe diversos elementos culturais, sociais, econômicos e arquitetônicos, dentre eles o bangalô.

No final do século XIX, São Paulo inicia seu processo de suburbanização, expandindo-se em todas as direções a partir da década de 1890. A ocupação da cidade se deu de forma rápida, partindo do triângulo central pela alta burguesia da época, em direção à Higienópolis e Avenida Paulista até o Sudoeste, nos Jardins (Janjullo, 2009, p. 50). Esse processo de crescimento foi feito possível a partir da “atuação de transações particulares e companhias de loteamento com fins lucrativos”<sup>13</sup>, além das concessionárias de serviços públicos, que tornaram possível a iluminação

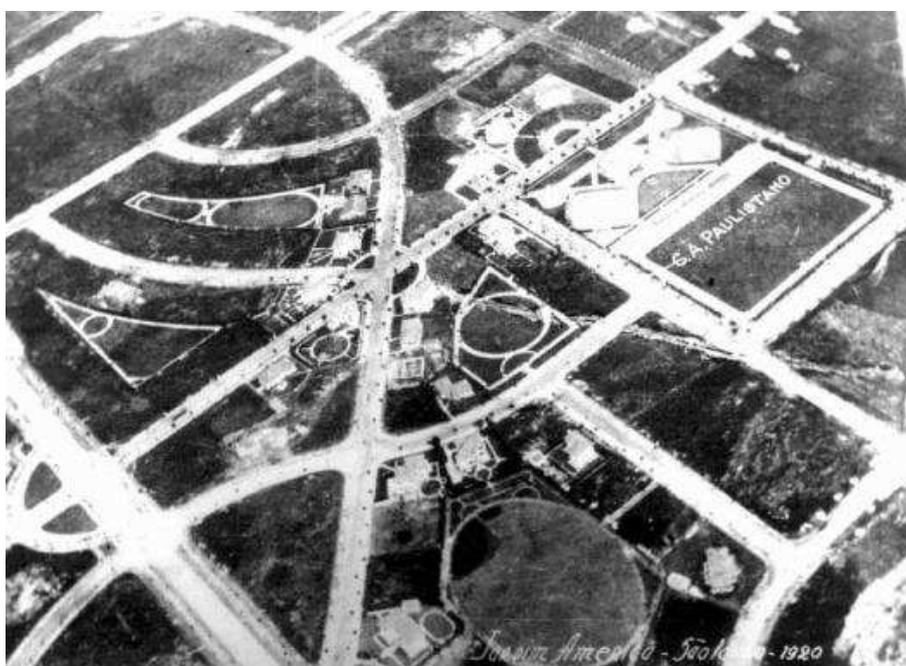
---

<sup>12</sup> Robert Winter, "The California Bungalow", Los Angeles, Hennessey, and Ingalls, 1980.

<sup>13</sup> MORSE, R.M. Formação histórica de São Paulo (de Comunidade a Metrópole). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 355.

pública e o transporte urbano e, conseqüentemente, a criação de novos bairros para as famílias tradicionais de classe alta que abandonavam o centro. Criado em 1910, o Jardim América foi o primeiro bairro criado destinado às classes mais abastadas paulistas, implantado em terrenos planos e sem muitos atrativos naturais. Para aproximar essa burguesia das novas “cidades-jardins”, foram utilizados traçados interessantes, de composição clássica e pictórica, com ruas curvas e eixos ortogonais e diagonais barrocas, que faziam do bairro um refúgio na cidade tal qual os europeus buscavam no período (Figura 7).

Figura 7 - Jardim América, início da ocupação do loteamento.



Fonte: Wolf (2001).

Com o intuito de associar os novos bairros-jardins aos novos subúrbios ingleses e americanos do século XIX e início do XX, a arquitetura da morada no Jardim América também passou por mudanças. O novo estilo de vida que a classe média adquiria, com casas próprias elegantes e modernas, tornou o bangalô o tipo de construção ideal para aquela parcela da população que buscava ali refúgio (Janjullo, 2009, p. 51). O bangalô brasileiro (Figura 8) se apoiava diretamente no bungalow inglês, eram casas “simples” e confortáveis, com afastamento lateral do lote, bem

iluminados internamente por várias janelas que eram abertas aos jardins. A varanda era um elemento importante também para a arquitetura, era um espaço de transição entre o interno e o externo, que se adapta em sala de estar em dias quentes. Além disso, as salas internas, de estar e jantar, eram ligadas por um arco, substituindo a sala de visitas e a copa informal. As adaptações que o bangalô sofre no Brasil refletiam a nova cultura da classe média de moradia que se formava no país, em que a vida era centrada na família nuclear e o conforto dos moradores era prioridade.

[...] Mas interessantes eram agora as residências “bungalow” com “bow windows” e confortáveis mobílias “chippendale”, cômodas poltronas de couro, tapetes grossos, paredes e tetos lisos, um quadro e uns pratos na parede. (A Casa. Segadas & Cordeiro).

Figura 8 - Bangalô na Rua Equador, Jardim América.



Fonte: Janjulio (2009, p. 52).

A popularização do bangalô em outros estados brasileiros se deu através de revistas e álbuns, que auxiliavam futuros moradores a escolher a casa ideal. A Casa foi a principal revista que exerceu papel publicitário do bangalô no Brasil, mencionando-os como “casas pequenas, para um público médio, e geralmente vendidos em várias prestações, associando-se a um estilo americano de morar”.

Apesar do crescimento da classe média brasileira, acalentada pelo luxo arquitetônico, e os novos loteamentos suburbanos que cresciam graças aos novos meios de transporte público, outra porcentagem da população, menos favorecida, vivia e crescia em situações inadequada, à margem das indústrias, em cortiços. Em contraste com os bangalôs da alta classe, a tipologia também passa a ser utilizada nas novas vilas operárias, casas de aluguel e casas compradas à prestação (Santos, 2016, p. 12), em busca de soluções ao caos que as habitações proletárias eram condicionadas e os novos programas habitacionais que passariam a fazer parte das legislações municipais que tentavam resolver as questões de salubridade residencial. Dessa forma, é possível identificar diferentes tipologias do bangalô no Brasil, remetendo ao estilo inglês *cottage*, ao americano Californiano ou *mission style*, assim como o bangalô que se molda às características e necessidades brasileiras populares (Figura 9).

Figura 9 - Bangalô urbano menor, São Paulo.



Fonte: Campos (2008, p.99)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Campos, Eudes. “Chalés Paulistanos.” In Anais do Museu Paulista. São Paulo. Sér. v.16. n.1.p. 47-108. 2008.

### 3.2. Bangalô no Maranhão

Durante a década de 1930, a capital do estado do Maranhão passava por diversas reformas urbanas, que adaptavam a cidade e os edifícios às condições higiênicas necessárias e aos novos desejos estéticos da Nova República. Os processos de remodelação de São Luís eram também consequência da tentativa de aproximação com valores de vida americanos que estavam em alta, que via a vida no núcleo da cidade como não saudável, e instigava as famílias abastadas a substituírem os antigos casarões coloniais por novas edificações que seguiam tendências modernas, neocoloniais, art-decô, art-nouveau e ecléticas<sup>15</sup>.

Para Nascimento (2020, p. 241), esse período de renovações no século XIX e XX, marca o surgimento do estilo arquitetônico Eclético na capital maranhense, momento em que o “involucro externo” das edificações de modelo colonial eram modificadas com a inserção de diversos detalhes de fachada decorativos, como a platibanda, frisos, cornijas, assim como elementos internos de organização espacial. É a partir do ecletismo que o bangalô ludovicense se desenvolve nos principais pontos de expansão urbana do período.

[...] Posteriormente, esta linguagem ganhou forma em diferentes tipologias, com destaque para as edificações públicas ou oficiais, mas, também, nos bangalôs, que foram sendo construídos na cidade, nas primeiras décadas do século XX. (NASCIMENTO, 2020, p. 241)

Inicialmente construídos dentro do Centro Histórico ludovicense, os bangalôs eram dotados por influências modernistas do período e feitos como moradia temporária da alta classe maranhense, privilegiada pelos Planos de Extensão e Remodelação (Figura 10) executado durante a gestão do prefeito Saboya Ribeiro. Em comparação com os grandes Bangalôs Californianos, dotados de influências inglesas e espanholas, as construções desse estilo no estado eram menores e bucólicos, seguindo tendências neoclássicas. Os principais pontos onde foram primeiro

---

<sup>15</sup> Ver anexo 1

construídos foram a Rua do Egito (Figuras 11 e 12) e a Avenida Beira Mar (Figuras 13 e 14), onde o morador podia estar em maior contato com o centro comercial e de trabalho da época.

Figura 10 - Plano de Remodelação e Expansão de São Luís elaborado por Saboya Ribeiro.



Fonte: O Imparcial, 1937.

Outra característica importante das banglas de São Luís é a representação destas como casas de dois pavimentos e acessos lateral e frontal, sendo predominantemente utilizadas como residências unifamiliares de famílias abastadas da cidade. Assim como os bangalôs americanos e ingleses, os exemplares encontrados em São Luís são avarandados, com grandes janelas que possibilitavam ventilação e iluminação interna bem como a integração com o externo.

Figura 11 - Bangalô nº 207, Rua do Egito.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 12 - Bangalô nº227, Rua do Egito.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Figura 13 - Bangalô nº 366, Avenida Beira Mar.



Fonte: Google Maps, 2023.

Figura 14 - Bangalôs nº 460 e nº 466, Avenida Beira Mar.



Fonte: Google Maps, 2023.

Após o primeiro período de remodelações urbanas, a cidade sofre um processo de transformação com a abertura de novas vias, que conectassem o 'interior' com o Centro, criando o chamado Caminho Grande, que tem como destaque a Avenida Getúlio Vargas (Figuras 15 e 16). É nesse percurso que são construídos grandes lotes onde novas arquiteturas são inseridas na cidade, incluso o bangalô, que dessa vez se

aproximava aos construídos em São Paulo, e diferentes das pequenas construções do Centro Histórico. Essas novas construções eram predominantemente de uso comercial e menos ornamentadas que as da Rua do Egito.

Figura 15 - Bangalô Avenida Getúlio Vargas, 1950.



Fonte: Álbum Miécio Jorge, 1950.

Figura 16 - Bangalô Avenida Getúlio Vargas, 2017.



Fonte: Minha Velha São Luís, 2017.

Devido a diversidade de estilos que se desenvolveram em São Luís durante a o século XX e as renovações urbanas da época, o bangalô

ludovicense foi se adaptando ao seu meio, adaptação essa que era refletida tanto nas fachadas quanto nas plantas dessas edificações. Comparado como o bangalô indiano desenvolvido durante o século XVII, a disposição dos ambientes na construção em São Luís, era bem diferente, com mais ambientes e áreas sociais, se distanciando da sala de estar central e quartos nos quatro cantos da construção. Bom exemplar desse tipo de arquitetura é o Bangalô nº 41 (Figuras 17, 18 e 19), localizado na Avenida Getúlio Vargas. Segundo Nascimento (2020, p. 149), é uma edificação que apresenta “leitura horizontal” e implantação cartesiana no centro do terreno. Além disso, possui dois acessos, um pedonal e um de veículos. A construção foi feita como habitação unifamiliar e foi instalada em um lote poligonal. Foi também projetado inicialmente em um formato “C”, acesso pelo jardim, varanda e obedecia a um zoneamento bem definido, sem mista dos setores sociais. Com o passar do tempo, a edificação foi se adaptando e mudando de forma e hoje funciona como clínica de fisioterapia.

Figura 17 - Bangalô nº41, planta baixa 1956 e 2016.



Fonte: Nascimento, 2020.

Figura 18 - Bangalô nº41, 2016.



Fonte: Nascimento, 2020.

Figura 19 - Bangalô nº41, 2024.



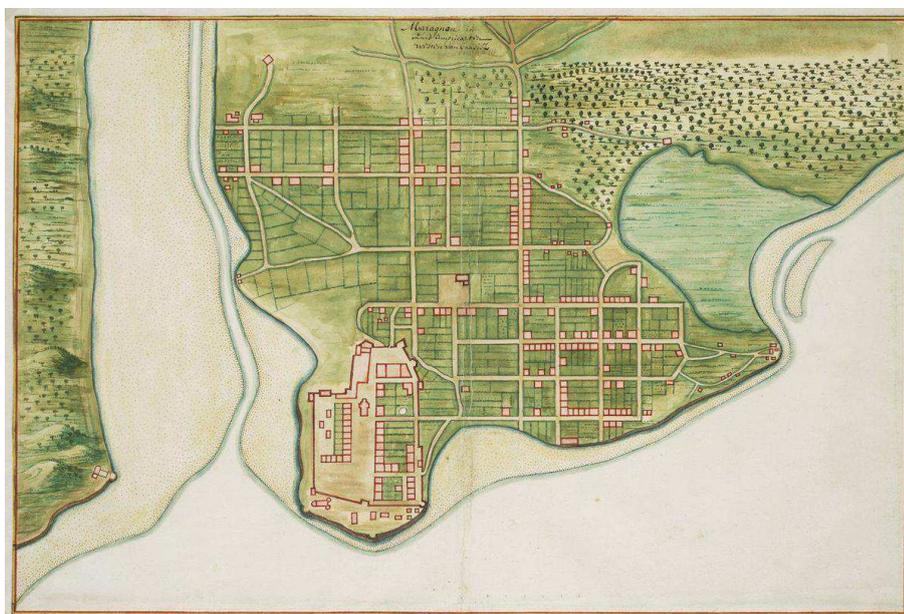
Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

## 4. AVENIDA GETÚLIO VARGAS

### 4.1. Antigo Caminho Grande

O processo de ocupação da ilha de São Luís foi iniciado em 1612 por tropas francesas, tomada holandesa em 1641 e incorporação ao domínio português em 1644. Segundo Burnett (2011), o eixo estruturador do que hoje é conhecido como urbanismo colonial ludovicense foi a Rua Grande e, a partir dela, os processos de interiorização da cidade se deram, consolidando o conhecido Caminho Grande<sup>16</sup> (Figura 20).

Figura 20 - Planta baixa do Forte de São Luís, 1665.



Fonte: Arquivo Nacional da Holanda.

Considerado como área rural, o Caminho Grande era um corredor de circulação rápido e moderno, importante para a capital do Maranhão. Durante os primeiros processos de renovação urbana da cidade, torna-se o novo eixo de crescimento de São Luís, sendo a área para onde as famílias abastadas se deslocam, e onde novos pontos de lazer se estabelecem, como o cinema, clubes e jardins, bem como a construção do quartel, em 1839, 24º Batalhão de Infantaria Leve.

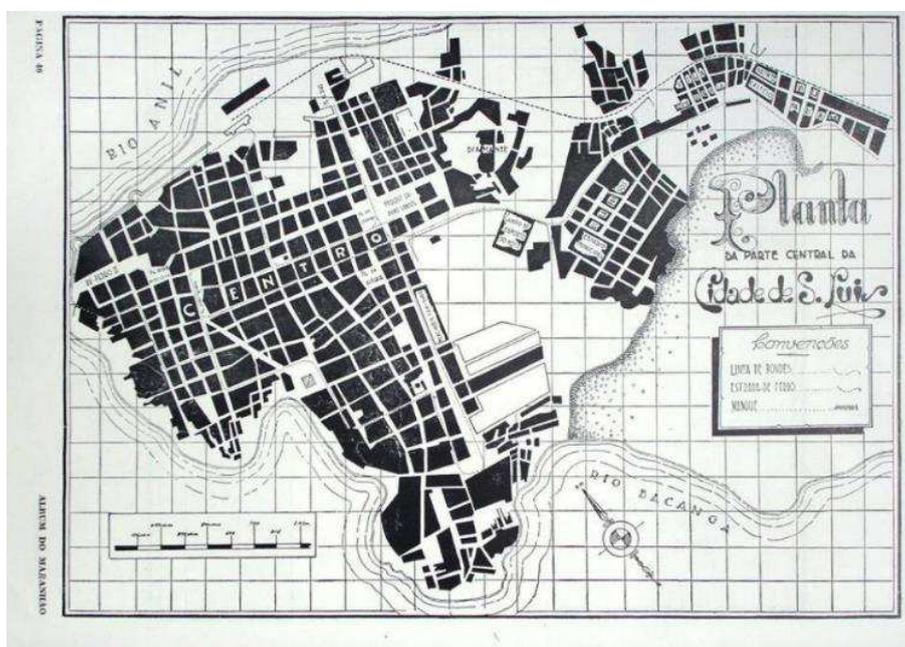
---

<sup>16</sup> Ver anexo 2

[...] primeira extrapolação urbana dos limites do Centro Histórico e estabiliza a nova direção que a cidade manterá para seu crescimento durante os próximos 30 anos. (Burnett, 2011, p. 63)

Com os novos planos de renovação e remodelação urbana de Paulo Ramos e Saboya Ribeiro nas décadas de 1930 e 1940 (Figura 21), é iniciada uma nova onda de expansões da cidade de São Luís para além do Anel Viário, e transforma parte do antigo Caminho Grande em Avenida, “numa evidente homenagem ao então Presidente da República” (Marques, p.151), Getúlio Vargas.

Figura 21 - Mapa de São Luís, 1950.



Fonte: Álbum Miécio Jorge, 1950, Acervo da Biblioteca Pública.

#### 4.2. Reformas Urbanas do século XX

Durante a República Velha (1889-1930), em especial a partir da década de 1920, é feito um movimento de dinamização e expansão das cidades brasileiras, que precisavam ser “cuidadas e embelezadas”. Dessa maneira, surgem os Códigos de Postura, determinantes quanto questões sociocomportamentais urbanas, prevendo melhores maneiras de construir e renovar a cidade de maneira salubre e higiênica. Além de serem

indispensáveis para o controle governamental quanto a epidemias que ameaçavam a população, como a febre amarela, peste e varíola, os relatórios foram documentos importantes para a confecção dos atuais planos diretores e zoneamentos.

Os anos de 1920 no Brasil, foram marcados pelo surgimento de novos grupos sociais, advindos da ascendente burguesia industrial, com interesses distintos quanto ao rumo do país. A expressão desses grupos se deu a partir de diversos movimentos artísticos e políticos no território, como a fundação do Partido Comunista Brasileiro e a Semana de Arte Moderna – ambos em 1922 – que culmina no desgaste do sistema sociopolítico brasileiro, implosão da Primeira República e entrega do poder ao líder da Aliança Liberal, Getúlio Vargas, em 1930 (Figura 22). Com a chegada da nova década, o país passa por um renovamento de estratégias governamentais, estas com ideais nacionalistas e intervencionistas, que tinham como foco políticas econômicas e grandes reformas urbanas. A gestão modernizante de Vargas, teve auge o golpe militar de 1937, que entre as diversas mudanças aplicadas para o controle das cidades, aplicou o uso de diversos Planos de Remodelação e Extensão e Planos Diretores e de Zoneamento, que se baseavam na demolição de edificações e lotes e a construção higiênica de novos territórios.

Figura 22 - Comitiva de Getúlio Vargas (ao centro), 1930.



Fonte: Claro Jansson, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP).

Bem como outras cidades brasileiras, São Luís também passou pelo processo de produção de códigos sanitários, a partir da metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, como o estudo sobre Saneamento de 1899 de Palmério Cantanhede e o relatório sobre peste bubônica de Victor Godinho de 1904. As novas políticas da década de 1930, pós revolução e golpe de Estado, eram representadas pela indicação de novos chefes e interventores, naturais ou não, do território. Então, em 1936, por indicação do Governo Federal, assume como Interventor Federal do Maranhão o advogado Paulo Martins de Souza Ramos.

A indicação de Ramos como interventor maranhense significou grandes mudanças urbanas progressistas no estado, estas que começaram com a nomeação do engenheiro e urbanista José Otacílio de Saboya Ribeiro como prefeito da cidade de São Luís em setembro de 1936 (Figura 23) (Santos e Costa, 2020, p. 642). Durante a década de 1930, era notável o atraso que a capital ludovicense se encontrava em contraste com outras no território brasileiro, limitada à área central e histórica e do Anel Viário ludovicense, e o desafio do novo prefeito era romper com retardo urbano e modernizar a cidade.

Figura 23 - Paulo Ramos (à esquerda) e Saboya Ribeiro (à direita).



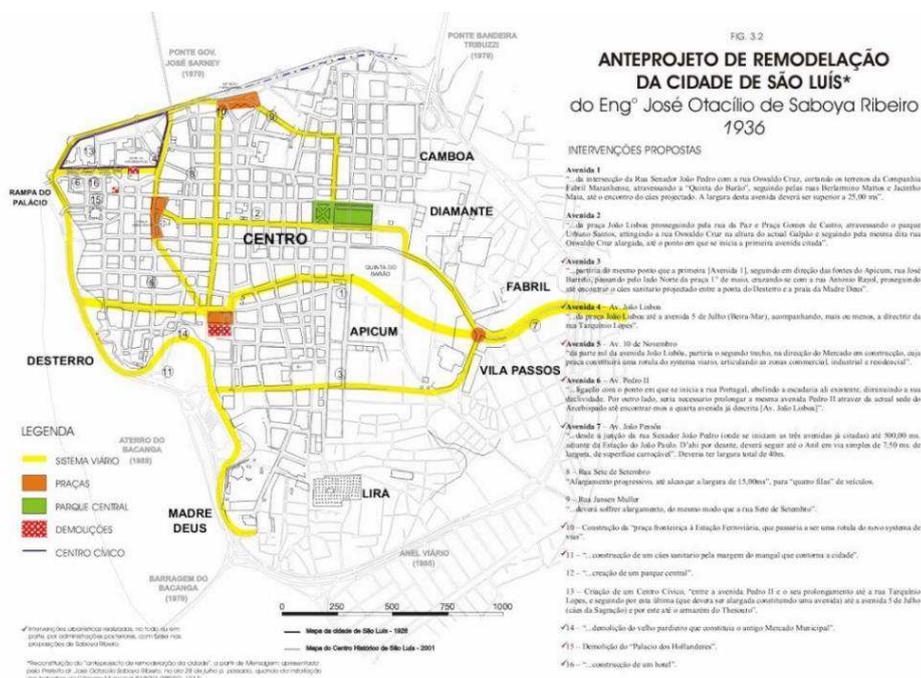
Fonte: Diário Oficial do Estado (1941) e Arquivo da Biblioteca DAU/UFC.

Para isso, em 1937, um Plano de Remodelação e Extensão de São Luís é elaborado, que, sob supervisão de Saboya Ribeiro e Paulo Ramos,

foi responsável por diversas inovações importantes em São Luís. Após análise minuciosa da cidade, Saboya constata “uma imagem negativa sobre uma cidade antiga e pouco higienizada” (Saboya, 1937), e em fevereiro do mesmo ano, apresenta um anteprojeto de remodelação, intitulado “Remodelação, Extensão, Embelezamento da Cidade de São Luís” (Figura 24), que propunha soluções socioeconômicas em prol do melhor desenvolvimento urbano. O croqui esboçado por Ribeiro é publicado no jornal O Imparcial, contendo prévias das intervenções previstas para a cidade, como as reformas ao Mercado Público e ao Matadouro Modelo, e a construção e renovação de prédio, praças e alargamento de vias, como a Praça João Lisboa, Avenida Dom Pedro II, Rua Oswaldo Cruz, Avenida Beira Mar e Rua Sete de Setembro.

Havia na mentalidade na época, desde intelectuais e também entre as lideranças políticas locais e nos quadros políticos nacionais a ideia de que o perfil técnico de um líder – representado por Saboya Ribeiro – seria capaz de levar adiante o projeto modernizador preconizado por Vargas. (Santos e Costa, 2020, p. 642-643)

Figura 24 - Anteprojeto de Remodelação da cidade de São Luís, Saboya Ribeiro, 1936.



O projeto ambicioso de Saboya, que “olhava para o futuro da mobilidade urbana da capital maranhense” (Santos e Costa, 2020, p. 651), tentava modernizar São Luís além do mundo físico, mas também os costumes e hábitos populares, renovando os sistemas tributários, de comércio, indústria e transporte. Todas as mudanças “repentinhas” causadas pelo plano de renovação urbana causaram estranheza e aversão das classes dominantes locais, que criticavam o prefeito por suas ideias e desacreditavam nas capacidades deste de realmente mudar para o melhor a capital maranhense. Após onze meses de posse, em agosto de 1937, e sem apoio político e popular, Saboya Ribeiro é exonerado de sua posição por Paulo Ramos, sendo substituído pelo médico Pedro Neiva de Santana, em novembro do mesmo ano.

Com a semente modernizadora de Otacílio plantada, coube a Santana colher os frutos e continuar as ideias propostas pelo Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da Cidade de São Luís. Baseado no Decreto nº 330/1938, Pedro Neiva estabelece ajustes na legislação urbana de incentivo à verticalização do centro e um novo zoneamento<sup>17</sup> para a cidade, com 4 novas zonas: Zona Comercial, Zona Industrial, Zona Residencial e Zona Agrícola. Além disso, característica importante do mandato de Neiva, foram as “providências de cunho higienistas” (Santos e Costa, 2020, p. 654), como as reformas dos hospitais Geral e Infantil, no Oswaldo Cruz, assim como taxaço de cortiços e novas medidas quanto à ventilação e iluminação natural em ambiente internos residenciais e a abertura, ampliação e arborização de avenidas, ruas e praças, como as avenidas João Pessoa e Getúlio Vargas.

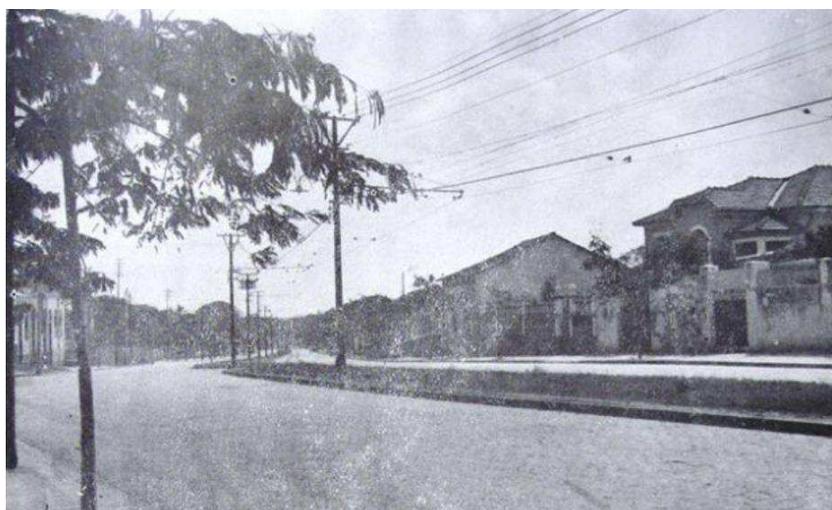
A construção da Avenida Getúlio Vargas (Figuras 25, 26 e 27), na década de 1940, foi uma adição essencial para a interiorização da capital maranhense e o esvaziamento residencial do centro, se tornando ponto de inspiração positiva para a abertura de novas grandes vias na cidade. Construída com duas vias largas – destinadas tanto para a passagem do bonde elétrico quanto de veículos automotivos – a avenida facilitava o

---

<sup>17</sup> Ver anexo 3

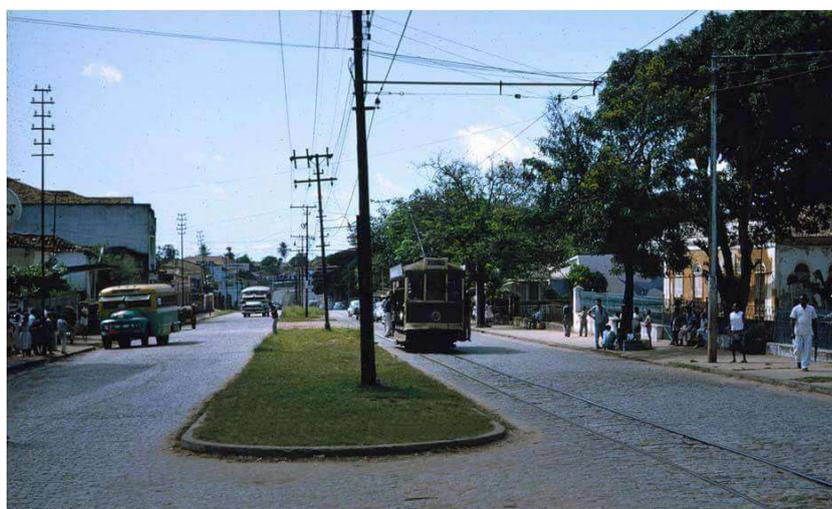
deslocamento e foi palco para as famílias abastadas ludovicenses se fincarem. Além disso, a avenida foi destaque importante por ser pavimentada, possuir canteiros centrais gramados e largas calçadas laterais. Diferenciando-se da arquitetura tradicional portuguesa construída no Centro antigo, a Avenida Getúlio Vargas foi palco importante da adaptação popular para o novo estilo de vida moderno promovido pelo novo governo, se baseando nas novas formas de construção e avanços tecnológicos da época.

Figura 25 - Avenida Getúlio Vargas, 1950.



Fonte: Álbum Miécio Jorge, 1950, Acervo da Biblioteca Pública.

Figura 26 - Avenida Getúlio Vargas, 1960.



Fonte: Minha Velha São Luís.

Figura 27 - Avenida Getúlio Vargas, 2024.



Fonte: Acervo Pessoal.

Ao longo da avenida, é evidente a variedade de estilos arquitetônicos seguidos. As diversas construções seguem influências modernas (1930-1970) e neocoloniais (1920-1950), além de características art-decô, neoclássicas e ecléticas. A nova construção e distribuição de grandes lotes deu espaço para afastamentos laterais e frontais diferenciados das antigas residências do Centro, possibilitando a instalação de novas residências da burguesia, que deixava o centro e procurava a vida calma proposta pelo ideário americano. As chácaras, quintas, sítios e, especialmente, o bangalô, foram arquiteturas que conseguiram traduzir bem os novos ideais procurados por essa parcela. Com o passar do tempo e a popularização desses estilos, vilas operárias também foram construídas na área, financiadas pelo governo, possibilitando o alojamento da mão de obra dos empreendimentos industriais recorrentes do novo plano de zoneamento de Neiva e, conseqüentemente, a também popularização da área como lugar de morada.

Atualmente, a avenida Getúlio Vargas continua sendo um dos principais corredores da cidade de São Luís, promovendo o caminho entre o Centro, Monte Castelo, Liberdade, Apeadouro, João Paulo, Alemanha, entre outros. Ao longo dos anos, a avenida também sofreu diversas mudanças e acréscimos importantes, como o Cine Monte Castelo, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), a Vila Militar – associada ao

24° Batalhão de Infantaria Leve (24°BIL) e o Hospital Público Nina Rodrigues. Outro aspecto de importante destaque são as diversas descaracterizações e modificações sofridas, com o surgimento de novas formas de transporte público na cidade – o ônibus – e a popularização do transporte privado, as calçadas perdem espaço e, conseqüentemente, as pessoas também.

### **4.3. Trecho entre as avenidas Senador Vitorino Freire e Franceses**

A área de estudo foi analisada a partir de duas esferas e elementos que as compõem. A primeira categoria é a de Camadas Naturais, aquela que apresenta apenas elementos da natureza, que se modificam com o tempo a partir da si mesma, sem intervenção do homem, como a topografia e hidrografia. A segunda é a de Camadas Culturais, onde o ambiente apresenta características e elementos que já sofreram intervenção humana. A partir desta se dá a construção do espaço geográfico urbano, que expressa a cultura de determinada sociedade, como as construções civis, que marcam a presença social e se modificam com rapidez.

O recorte foi feito a partir da variedade de bangalôs em diversos estados de conservação e seus diferentes usos e estilos, bem como a importância deste para a cidade de São Luís.

#### **4.3.1. Análise de camadas naturais**

O trecho escolhido da Avenida Getúlio Vargas é delimitado pelos cortes feitos pelas Avenida Senador Vitorino Freire e Avenida dos Franceses, constituindo a primeira metade do todo da Avenida.

A área recebe influência de três águas: ao noroeste o Oceano Atlântico, que compõe toda a baía brasileira, Rio Anil ao norte e nordeste, e Rio Bacanga ao sudoeste (Mapa 1). A avenida em sua totalidade é composta por variações topográficas de 5 a 25 metros no sentido Oeste-

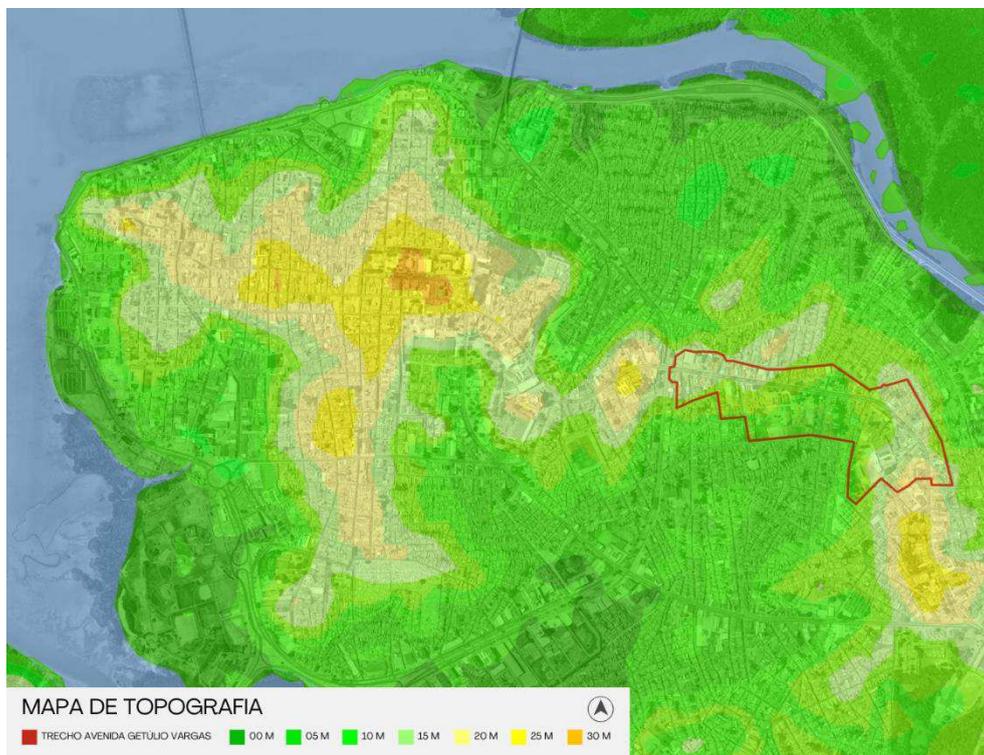
Leste, com a primeira metade que constitui o trecho em análise possuindo altitude máxima de 20 metros e mínima de 10 metros (Mapa 2).

Mapa 1 - Mapa de Localização e Hidrografia.



Fonte: Autora, 2022.

Mapa 2 - Mapa de Topografia.



Fonte: Autora, 2022.

### 4.3.2. Análise de camadas culturais

O recorte é composto por vinte e duas quadras e é um trecho caracterizado por abastecer vários pontos e necessidades da população e cidade (Mapa 3). Além disso, é uma área de uso misto, possuindo comércio, principalmente local e de família, e, em seu comprimento, é possível identificar diversas residências que dividem espaço com a paisagem.

Mapa 3 - Mapa de Situação.

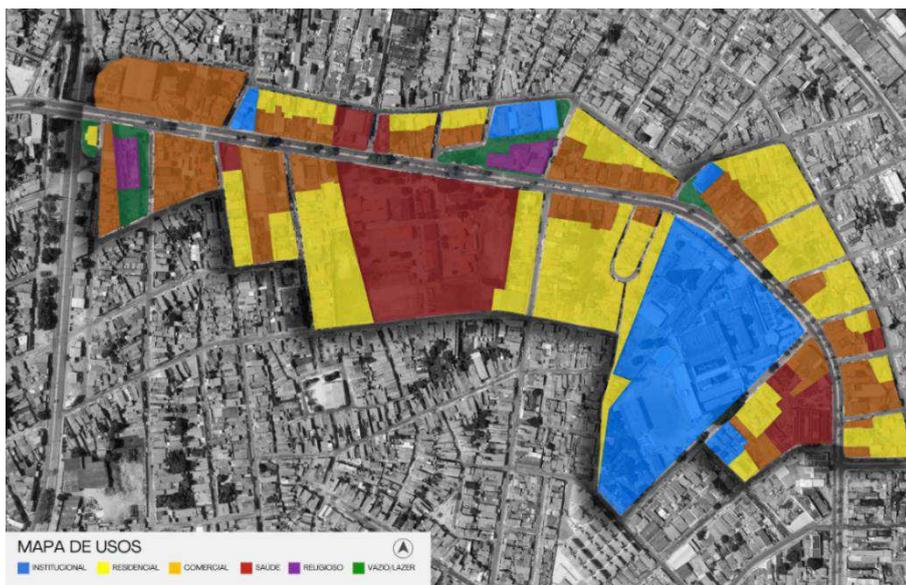


Fonte: Autora, 2022.

Além da presença comercial, também é forte a existência de serviços, principalmente o de saúde, como farmácias, clínicas e hospitais, o institucional, com uma leva de escolas, e o religioso, com duas grandes Igrejas. Não possui muitos alívios da poluição visual, com poucas praças e áreas de lazer (Mapa 4). É também característico da área a diversidade de estilos arquitetônicos. Por sua construção feita durante o período de modernização ludovicense, é possível encontrar exemplares modernos, neoclássicos, ecléticos etc., bem como perceber as diversas modificações que a área sofreu tanto no urbanismo quanto nas fachadas.

O trecho é cortado pelas vias arteriais Avenida Senador Vitorino Freire e a Avenida dos Franceses e se aproxima da Avenida Governador Luís Rocha. A via é ligada ao interior do bairro Monte Castelo por quatro coletoras e diversas vias locais também estão presentes, criando um grande laço de ruas (Mapa 5).

Mapa 4 - Mapa de Usos.



Fonte: Autora, 2022.

Mapa 5 - Mapa de Hierarquia Viária.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 28 - Uso Comercial.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 29 - Uso Lazer.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 30 - Uso Religioso, Igreja Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 31 - Uso Residencial.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 32 - Uso Institucional, C.E. Fernando Perdigão.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 33 - Uso Saúde, Hospital Nina Rodrigues.



Fonte: Autora, 2024.

Foram encontrados vinte e cinco bangalôs distribuídos ao longo do trecho, em diversos estados de conservação e estilos arquitetônicos (Mapa 6). A grande maioria das moradas estão ocupadas, sendo para uso comercial, residencial, serviço etc. Já as que não estão em uso, estão à venda, com forte sinalização e estado de conservação precário (Mapa 7).

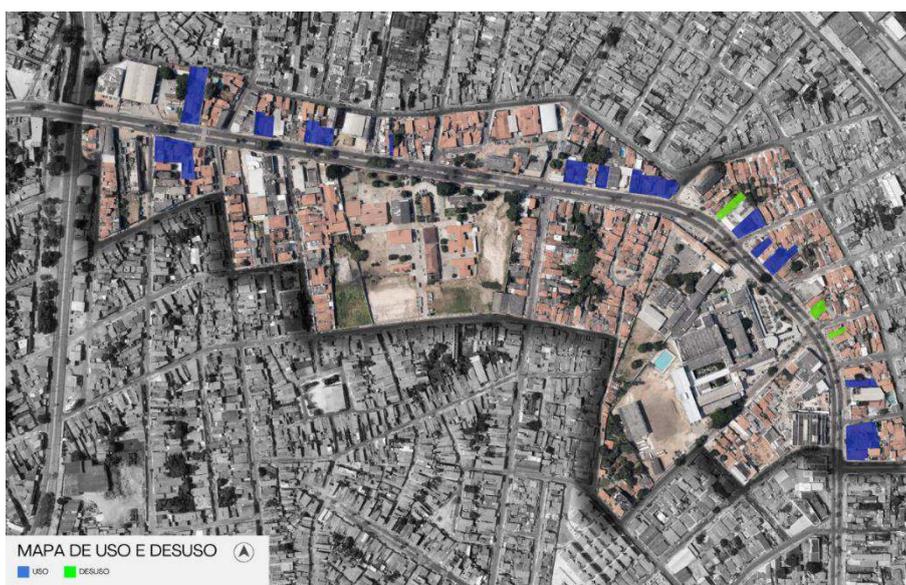
Atualmente, a maior parte das moradas Bangalô no recorte ainda são de uso residencial, algumas se destacando por uso misto. Grande parte dos edifícios que foram modificados para uso de serviço são voltados para a área da saúde, como farmácias e clínicas e, para uso comercial é evidente a preferência de comercio local pequeno (Mapa 8).

Mapa 6 - Mapa de locação de bangalôs.



Fonte: Autora, 2022.

Mapa 7 - Mapa de Uso e Desuso.



Fonte: Autora, 2022.

Mapa 8 - Mapa de Usos Específicos.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 34 - Bangalô nº79, uso comercial.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 35 - Bangalô nº2672, uso religioso, descaracterizado.



Fonte: Autora, 2024.

Figura 36 - Bangalô nº2443, uso residencial.



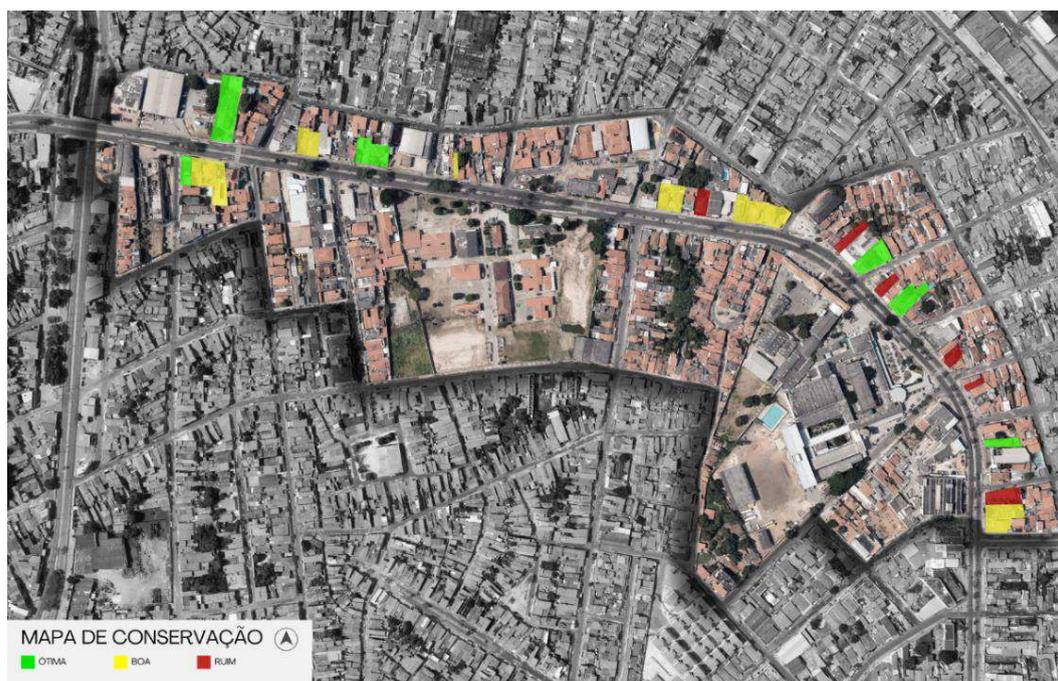
Fonte: Autora, 2024.

Apesar da grande biblioteca de estilos arquitetônicos ao ar livre que o trecho possui, não é uma área incluída sob os poderes de conservação e proteção do patrimônio do IPHAN e UNESCO. Por esse motivo, tanto os exemplares de bangalô quanto de outros estilos são sujeitos a diversas intempéries, assim como modificações impostas pelo homem. Dessa maneira, foram identificados três estados de conservação das banglas no trecho analisado: ótima, boa e ruim (Mapa 9).

Destacam-se as edificações de serviço como as mais bem cuidadas e conservadas do trecho, algumas com grandes modificações de fachada,

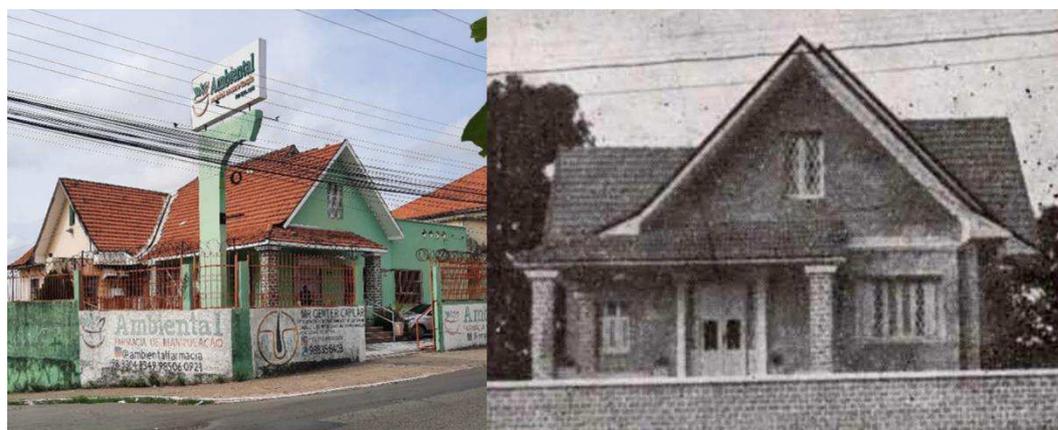
outras que mantem semelhança com sua originária. Estas de boa conservação são, no geral, as de uso residencial, de cuidado do morador, bem como as utilizadas para uso de clínicas e lojas. As que estão em desuso são, evidentemente, as menos cuidadas, sendo deixadas aos descuidos humanos e perdendo suas características e identidade.

Mapa 9 - Mapa de Conservação.



Fonte: Autora, 2022.

Figura 37 - Bangalô n°2266, conservação ótima, 2024 (à esquerda) e 1950 (à direita).



Fonte: Autora, 2024 e Álbum Miécio Jorge, 1950.

Figura 38 - Bangalô nº1855, conservação boa, 2024 (à esquerda) e 1950 (à direita).



Fonte: Autora, 2024 e Álbum Miécio Jorge, 1950.

Figura 39 - Bangalô nº33, conservação ruim, 2024 (à esquerda) e 2021 (à direita).



Fonte: Autora, 2024 e autor desconhecido, 2021.

O trecho estudado é de grande influência e importância para a cidade como um todo e, assim como outros pontos em São Luís, apresenta falhas e acertos. Por ser uma área fora do recorte de proteção Municipal e Federal, tornou-se pouco cuidada e acessível, com calçadas irregulares e mal mantidas, pouca sinalização para pedestres e mau mantimento das fachadas. Porém, continua a ser uma área de grande fluxo diário, tanto de moradores quanto de passantes é um ótimo ponto para estabelecimentos de comércio e serviço, fornecendo clientela diversificada para o empreendedor. Além disso, por sua história para com a cidade, pode ser um ponto significativo para manifestações culturais e artísticas relacionadas ao patrimônio.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho faz uma análise de um recorte da Avenida Getúlio Vargas e seu acervo de bangalôs, bem como o que levou a construção dessa e a história do estilo arquitetônico estudado. Iniciou-se com a compreensão dos séculos XVIII e XIX, na Europa e Brasil, e as grandes revoluções que ocorreram e alavancaram o mercado e a produção arquitetônica, assim como a chegada desses avanços na capital maranhense, São Luís, no final do século XIX e início do XX. A partir dessa compreensão, partiu-se para o estudo do estilo bangalô e suas origens na região da Ásia meridional de Bangladesh, as adequações do estilo pelos ingleses que tomavam a região e a levada desse para a Inglaterra e as adaptações que sofreu para se adequar ao novo continente. Com a Europa enamorada pelo novo modo de construir foi vez da análise do bangalô nas américas, em especial Estados Unidos, que mudou completamente a *bangla indiana* no bangalô americano e o adequou ao *american way of life* do século XIX e XX e a pesquisa da chegada do estilo no Brasil e na cidade de São Luís.

Para o estudo específico da Avenida Getúlio Vargas, foi feita a busca teórica dos séculos XIX e XX no Maranhão e as novas necessidades que o estado tentava suprir em uma nova era do governo brasileiro. A pesquisa sobre a Era Vargas, bem como os Planos de Remodelação e Extensão que esta impunha aos interventores e prefeitos indicados foi importante para a compreensão da construção da avenida e o desenvolvimento dessa e dos estilos de arquitetura que foram feitos em sua extensão e a elaboração de mapas de locação, situação, topografia e hidrografia. A partir desse estudo, foi possível ser feita a análise específica dos bangalôs do trecho escolhido, com pesquisa *in loco* e teórica e a criação de mapas de estudo que indicam os pontos onde o objeto está instalado, uso e desuso, uso específico e estado de conservação.

Toda essa pesquisa feita, foi essencial para o entendimento da importância da preservação do acervo arquitetônico de São Luís. No entanto, apesar de existirem três perímetros de tombamento sobre a capital

maranhense – estadual, federal e UNESCO<sup>18</sup> – uma parcela desses bens, principalmente aqueles fora dos limites do Centro Históricos, não estão englobados em nenhuma dessas esferas, como é o caso da Avenida Getúlio Vargas. Devido a não anexação dessas áreas como parte do conjunto arquitetônico tombado é possível observar a necessidade de ações de conservação e restauro, visto que são regiões que sofrem muitas descaracterizações e intervenções inadequadas que, sem o acompanhamento e orientação profissional, comprometem o acervo como um todo bem como põe em risco a população e pode gerar o apagamento de uma parte importante da história ludovicense.

O bangalô maranhense é singular e, embora não existam normas específicas a ele fora dos limites centrais da cidade, é possível observar características autênticas em cada exemplar, que correspondem ao período do ecletismo ludovicense. Ficou evidente após pesquisa no local escolhido para o estudo como, apesar de sua singularidade, como ainda não são vistos como parte importante do acervo arquitetônico maranhense, que valoriza a arquitetura colonial e abandona seus consequentes.

Diante disso, a produção desse trabalho buscou abrir novos caminhos quanto ao bangalô no Maranhão, tema pouco explorado, principalmente nas áreas não tombadas da cidade. São Luís possui um grande e importante acervo arquitetônico da virada do século XIX até a década de 1950 – correspondente período eclético na cidade – que, se inserido na área de proteção histórica, é essencial para o entendimento da história social, cultural e arquitetônica ludovicense.

---

<sup>18</sup> Ver apêndice 1

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações**. 7 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. **Iniciação à administração geral**. 3. Barueri: Manole, 2009.

CAMPOS, R; SCIARRETTA, M. **História contemporânea I - Vol. 1**. Consórcio CEDERJ/UENF/UERJ/UFF/UFRJ/UFRRJ/UNIRIO/Fundação CECIERJ, 2012.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2006.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. Editora Fundo de Cultura, 1ª edição: 1959. Cia das Letras: 2006. São Paulo.

REZENDE, Cyro. **História Econômica Geral**. São Paulo: Contexto, 2005.

GUITARRA, Paloma. **Industrialização do Brasil**. Brasil Escola, 2018. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/industrializacao-do-brasil.htm>>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

\_\_\_\_\_. **O SÉCULO XIX: CENÁRIO EUROPEU**, p. 23. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13072005-231248/publico/02capitulo1.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura Eclética no Brasil: O cenário da modernização**. Anais do Museu Paulista Nova Série nº 1, São Paulo, p. 131-143, 1993.

MEIRELES, M. **História do Maranhão**. Siciliano, São Paulo, 2001.

ZENKNER, Thais Trovão dos Santos. **São Luís 1840 a 1912 - a construção de uma capital: notas para uma história urbana**. São Luís no Século XIX: uma capital em construção. UFRJ, 2011.

**São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem.** In: LOPES, José Antônio Viana. São Luís: história urbana (p.10); PFLUEGER, Grete. Arquiteturas do século XX (p. 80); In: LOPES, José Antônio Viana. O Caminho Grande (p. 258). 2008.

GOMES, Margareth; VARUM, Humberto; COSTA, Aníbal. **Aspectos da arquitetura civil edificada no século XIX, em São Luís do Maranhão, Brasil.** Conservar Património, núm. 15-16, 2012, pp. 43-68. Associação Profissional de Conservadores Restauradores de Portugal Lisboa, Portugal.

KING, A.D. **The Bungalow: the production of a global culture.** Oxford: Oxford University Press, 1995.

FOSTER, W. **The English- Factors in India, 1655-60.** Clarendon Press, 1921.

KRAMER, K. **Applying the Lessons of Indian Vernacular Architecture: The Bungalow as Example of Adaptive Climatic Response.** PLEA 2006- The 23rd Conference on Passive and Low Energy Architecture, Geneva, Switzerland.

WILSON, Henry L. **The Bungalow Book: Floor Plans and Photos of 112 Houses.** Mineola, N.Y.: Dover Publications, 2006. Reedição integral da quinta edição, de 1910.

KREISMAN, Lawrence e MASON, Glenn. **The Arts and Crafts Movement in the Pacific Northwest.** Portland: Timber Press, 2007.

LANCASTER, C. **The American bungalow: 1880-1930.** New York: Abbeville Press, 1985.

JANJULIO, M.S. **Arquitetura residencial paulistana dos anos 1920: ressonâncias do Arts and Crafts?.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

JANJULIO, MS. **BANGALÔ-SUBÚRBIO: A circulação intercontinental de uma nova cultura da habitação do início do século XX.** Dissertação

(Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos. 2011.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **Jardim América: O primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura**. São Paulo, Edusp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

SANTOS, Karla Di Giacomo Dias Oliveira. **Um Habitar “Moderno” para as Cidades Interioranas do Brasil: O BANGALÔ**. Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016.

NASCIMENTO, Lúcia Moreira do. **São Luís e a Rota do Moderno: A Produção Arquitetônica Residencial Moderna, entre 1930-1960, no Maranhão**. Tese – Doutorado em Arquitetura – FAU Lisboa. São Luís, 2020.

LOPES, Jose Antonio Viana. **São Luís, Capital Moderna e Cidade Colonial**. Dissertação – Mestrado em Desenvolvimento Urbano – UFPE. Recife, 2004.

JORGE, Miércio de Miranda. **Álbum Do Maranhão do ano de 1950**. Acervo Da Biblioteca Pública.

NETO, José Bello Salgado; PFLUEGER, Grete Soares; In: MARQUES, Célia Regina Mesquita (p. 135). **Aspectos urbanos de São Luís: uma abordagem multidisciplinar**. São Luís: EdUEMA, 2012.

BURNETT, Carlos Frederico. **São Luís por um Triz: Escritos Urbanos e Regionais**. São Luís, 2011.

SANTOS, Luiz Eduardo Neves dos; COSTA, Maria Clélia Lustosa. **EM BUSCA DA CIDADE MODERNA: A REMODELAÇÃO URBANA DE SÃO LUÍS DURANTE A ERA VARGAS (1936-1945)**. GEOSUL, Florianópolis, v. 35, nº 76, p. 637-661, set./dez. 2020.

## 7. ANEXOS

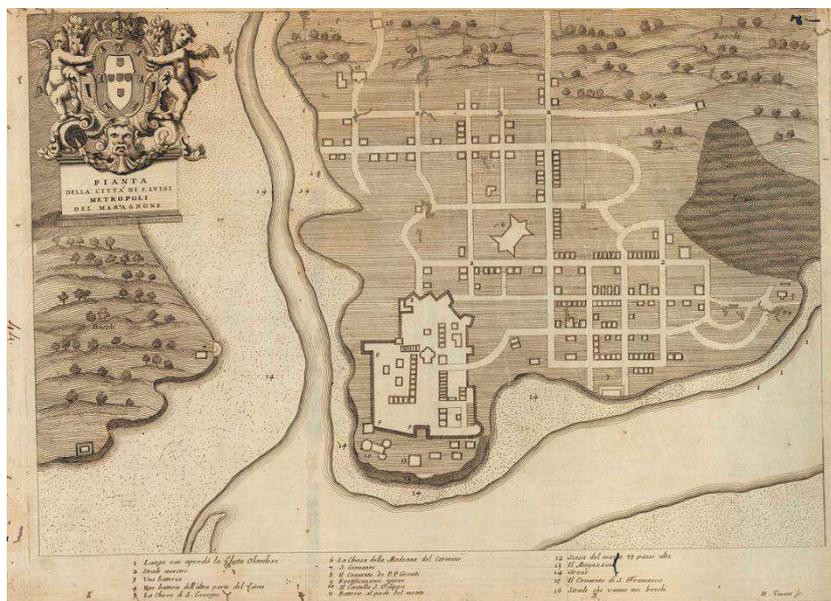
### Anexo 1 - Estilos arquitetônicos do Centro Histórico



Anexo 1.1 - Mapa dos estilos de arquitetura dos imóveis do centro histórico, 1997.

Fonte: UNESCO

## Anexo 2 - Mapas de São Luís



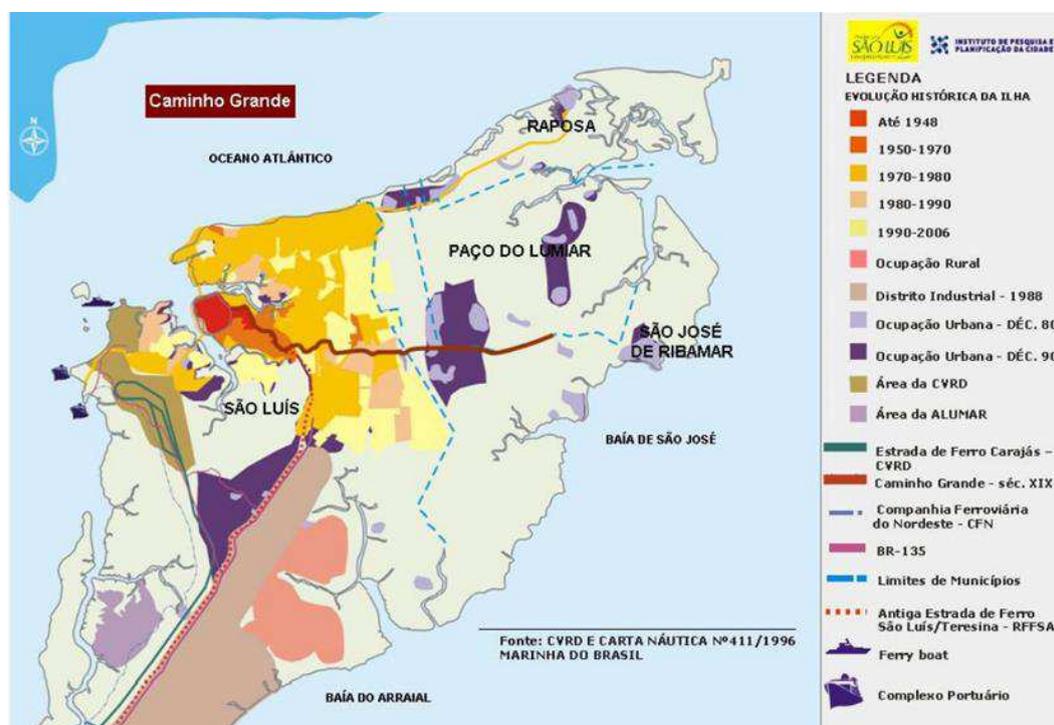
Anexo 2.1 - Planta da cidade de São Luís, 1698. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Anexo 2.2 - Planta da cidade de São Luís, 1858. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

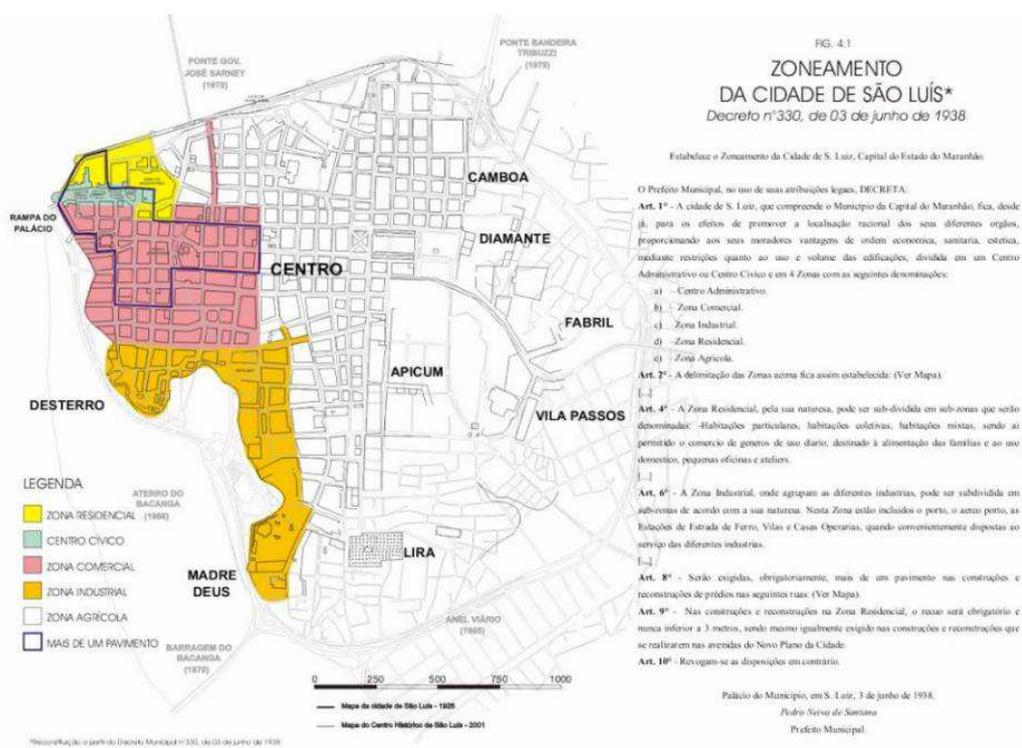


Anexo 2.3 - Planta da cidade de São Luís, 1912. Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Anexo 2.4 - Mapa Caminho Grande. Fonte: INCID.

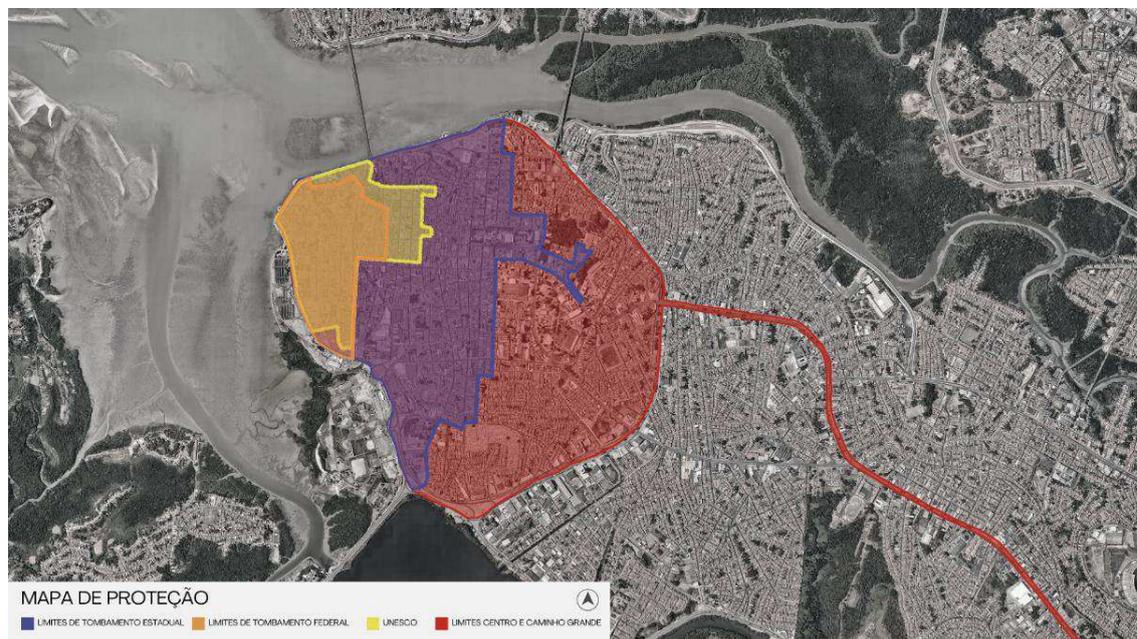
## Anexo 3 - Zoneamento de Pedro Neiva



Anexo 3.1 - Mapa dos Zoneamento da cidade de São Luís, 1938. Fonte: LOPES, 2004.

## 8. APENDICES

### Apêndice 1 - Mapa de Proteção ao Patrimônio



Apêndice 8.1 - Mapa das Áreas de Proteção e Limites do Centro e Caminho Grande Fonte: Autora, 2022.

São Luís - MA

2024